

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB)**  
**Curso de Licenciatura Plena em História**

**Patrícia da Rocha Ibiapina**

**O FOLGUEDO REISADO NA MACRORREGIÃO DE PICOS**

**PICOS, PI**

**2012**

**PATRÍCIA DA ROCHA IBIAPINA**

**O FOLGUEDO REISADO NA MACRORREGIÃO DE PICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em História sob orientação da Professora Doutora Ana Maria Koch.

**PICOS, PI**

**2012**

Eu, **Patrícia da Rocha Ibiapina**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 14 de setembro de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

I12f	Ibiapina, Patrícia da Rocha. O Folgado Reisado na Macrorregião de Picos / Patrícia da Rocha Ibiapina. – 2012. CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (46p.)  Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2012. Orientador(A): Profa. Dra. Ana Maria Koch  1. Reisado. 2. Cultura Picoense. 3. Religiosidade Popular. I. Título.  CDD 398.232.8122
------	---

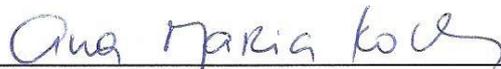
**PATRÍCIA DA ROCHA IBIAPINA**

**O FOLGUEDO REISADO NA MACRORREGIÃO DE PICOS**

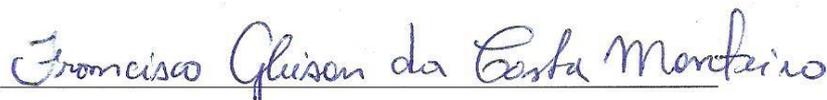
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em História sob orientação da Professora Doutora Ana Maria Koch.

**Data de aprovação: 14 de novembro de 2012.**

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Ana Maria Koch (Orientadora)



Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa (Membro)

Prof. Maria de Lourdes Santos Gomes (Membro)

Prof. Ms. Marylu Alves de Oliveira (Suplente)

## RESUMO

O *Reisado* é um folguedo da religiosidade popular que acontece entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, lembra com alegria o nascimento de Jesus e a visita dos Reis Magos com a apresentação dos caretas na casa de quem convidou o *Reisado* para se apresentar.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como principal objetivo apresentar o *Reisado* da Macrorregião de Picos, Estado do Piauí, a partir dos grupos de *Reisado* formados na região. Partindo das variedades do folguedo pelo Brasil, que também recebe o nome de *Folia de Reis*, esse estudo faz uma comparação com as manifestações de outras regiões do Brasil apresentando as peculiaridades e a estrutura do *Reisado* de Picos, que conta com cinco grupos ativos praticantes do folguedo, e teve um grupo desativado em 1998 e passou por transformações ao longo dos anos, como a espetacularização da apresentação, que passou dos terreiros das casas para os clubes. O *Reisado* que é conceituado como manifestação cultural, que atende os requisitos, mas não é formalmente titulado de Patrimônio cultural imaterial da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Reisado, Cultura picoense, religiosidade popular.

## **ABSTRACT**

The Reisado is a popular religious merriment that takes place during December 24 and January 6, those days are joyfully recalled Jesus Christ birthday and the visit of the three wise men with faces performances in the house of the host. This course conclusion work has as main objective to introduce the Picos city micro region Reisado, in the state of Piauí, and those who make part in those performances. Therefore by showing that kind of festivity not only here but all over Brazil, that is also named “Folia do Reis” (the three wise men merriment), that study compares with other regions around Brazil by showing the differences and the structure of the “Reisado in Picos City, which has five active groups, but a group has been deactivated in 1998, but lots of things has been changing along the years, with a variety of performances, that used to be performed in the back yards and nowadays in the clubs. The Reisado that is known as a cultural festivity that meets the requirements but it’s not legally certificated as a cultural legacy of mankind.

**KEYWORDS:** The Reisado, Picos city Culture, popular religiosity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Reisado</i> dos Torrões apresentado em Alto de Canudos: o boi .....	23
Figura 2 – Os brincantes, Sr. Manoel Borges Feitosa, o <i>Bié</i> , Sr. Francisco Pio de Sousa, o <i>Chico Quinô</i> , e o Sr. Reinaldo Marques respectivamente, com as caretas na forma como são usadas durante a folia .....	24
Figura 3 – <i>Reisado</i> dos Torrões apresentado em Alto de Canudos: a chegada .....	30
Figura 4 – Posicionamento dos <i>caretas</i> e figura apresentada no terreiro .....	32
Figura 5 – Máscaras de <i>caretas</i> dos Torrões e figura <i>burrinha</i> ao meio .....	33
Figura 6 – <i>Reisado</i> da Samambaia apresentado em feira cultural .....	38

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Elenco das figuras por grupo de <i>Reisado</i> da macrorregião de Picos .....	28
--	----

*Ô de casa, ô de fora*  
*Ô de casa, ô de fora*  
*Quem de dentro deve estar*  
*Os de fora Santo Reis*  
*Que lhes vieram visitar*  
*Que vieram visitar, ai, ai*

**(Folia de Reis, Martinho da Vila)**

## AGRADECIMENTOS

A longa espera chega ao fim. E todo este caminho não foi percorrido sozinho. Este momento foi adiado por 18 ansiosos meses... Ou seja, três períodos universitários. Em cada um deles, um motivo diferente acima das minhas forças de subvertê-lo. Primeiramente um intercâmbio, que foi uma das fases sublimes da minha vida. Em segundo, o emprego público no qual me encontro atualmente. E por terceiro, uma greve docente universitária precisa... Como na vida e interpretações humanas dos planos divinos, acreditamos que nada é por acaso. Acredito que essas interferências foram essenciais para a conclusão desse projeto como desejado.

Sou grata a Deus pela minha colocação nos Seus planos. Aos meus pais, Helena e Pedro, pela dedicação à minha formação educacional, que lhes custou um tanto que de suor. Ao meu irmão Pancrácio, meu braço direito.

Agradeço à professora Ana Maria Koch, minha orientadora, pela destemida coragem de aceitar esse desafio. Quando me imaginei “desorientada”, ela ofereceu ajuda, e, acima de tudo, interesse em meu projeto. Sou grata pela sua indispensável presença no curso de História do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, e pela magnífica colaboração para a realização deste trabalho.

A jornada deste Trabalho de Conclusão de Curso foi uma verdadeira aventura... a coleta de dados para elaboração do texto feita nas localidades vizinhas a Picos foi de fato saborosa. Obrigada pela colaboração e companhia de Paula, que tanto me ajudou e acreditou na conclusão deste trabalho, meu irmão Pancrácio, que não deixou de se divertir pelas histórias e figuras do Reisado, a professora Ana Maria, que muito contribuiu junto às entrevistas. E, claro, não posso deixar de agradecer aos meus queridos “reis” e “rainha”, que me receberam afavelmente em suas residências e Reisados: Francisca, Seu Reinaldo, Bié, Seu Chico Quinô, Vicente, Antônio João, Zé Armínio, Seu Deca e Seu Creu. Agradecimentos aos colaboradores do Museu Ozildo Albano, em especial Beth. Aos meus amigos, que mesmo distantes, nunca deixaram de torcer por mim. E a todos que me ajudaram, direta ou indiretamente, amigos ou não, não pense que os esqueci, apenas não há tanto espaço disponível como eu gostaria para citá-los...

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 <i>REISADO</i> COMO INSTITUIÇÃO CULTURAL .....	4
1.1 Celebração cultural .....	4
1.2 A tradição da Celebração do <i>Reisado</i> .....	6
2 <i>REISADO</i> COMO FOLGUEDO .....	15
3 CELEBRAÇÕES DO <i>REISADO</i> NA MACRORREGIÃO DE PICOS.....	26
3.1 Especificidades do folguedo na Macrorregião de Picos .....	26
3.2 Grupos de <i>Reisado</i> na Macrorregião de Picos .....	29
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS .....	43
1 Referências bibliográficas.....	43
2 Referências orais.....	46

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo apresentar o *Reisado* da Macrorregião de Picos, Estado do Piauí. O folguedo *Reisado*, palavra de origem portuguesa, teve sua tradição no Município de Picos desde a década de 1930. Representa desde essa época, um aspecto da cultura popular do povo picoense.

Como área da historiografia, a Cultura de uma sociedade é um assunto a estudar para compreender essa sociedade a partir de suas representações. Para analisar a sociedade picoense pela representação, enveredamos pelo caminho da observação do folguedo *Reisado* praticado de modo marcante nas décadas de 1950 a 1980 e presente ainda hoje em cinco grupos existentes na Macrorregião. Além de pesquisar esses cinco grupos ativos, nesse trabalho incluímos o grupo de Ipueiras, desativado em 1998.

Abordando o *Reisado* da Macrorregião de Picos visamos apresentar uma manifestação da Cultura do Município de Picos como parte do círculo de Cultura na região.

Esse folguedo está presente em todo o Brasil e seu estudo no espaço de Picos pode contribuir para a compreensão de peculiaridades. Dividimos esse Trabalho de Conclusão de Curso em três partes: a primeira intitulada *Reisado como instituição cultural*; a segunda, *Reisado como folguedo*; e a terceira abordando as *Celebrações do Reisado na Macrorregião de Picos*.

Na primeira parte, abordamos a constituição do Patrimônio cultural imaterial de uma sociedade, explicitando os critérios para que uma manifestação cultural receba esse título. O *Reisado* não é ainda considerado Patrimônio imaterial porque não está registrado no Livro das Formas de expressão, seguindo regulamentação do Decreto n. 3.551, de 4 de agosto de 2000, que institui o registro de bens culturais de natureza intangível que constituem o patrimônio cultural brasileiro. Esse Decreto complementa o Artigo 216 da Constituição Federal, que informa os itens que constituem o Patrimônio cultural brasileiro.

Na primeira parte também apresentamos uma revisão bibliográfica do conceito *Reisado* e a manifestação de sua tradição pelas regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. As diversidades que o folguedo manifesta no Brasil, alterando o nome para *Folia de Reis*, *Janeiras*, *Terno de Reis*. O folguedo pode ser compreendido a partir de sua perspectiva histórica de inserção no cenário da religiosidade popular brasileira e peculiaridades que adquire seguindo a realidade das diversas regiões em que se faz presente. O levantamento auxiliou o estudo do *Reisado* de Picos em sua peculiaridade, como representação da realidade picoense.

Na segunda parte estudamos o Reisado como objeto histórico representante da Cultura popular também estudado em outros campos acadêmicos como a Sociologia, a Música, a Dança e a Comunicação. Um único objeto de observação pode dar abertura para várias visões e compreensões de pesquisadores. Estudamos o Reisado como elemento formador da identidade dos indivíduos na realidade em que estão inseridos, estando ligada aos costumes e tradições desses indivíduos que são passados de geração a geração.

O estudo do *Reisado*, no presente trabalho, foi realizado com recurso à História Oral, levando em consideração a memória coletiva dos principais participantes do folguedo na Macrorregião de Picos para montar um quadro que explicita a estrutura do *Reisado* da localidade, pois é um fenômeno essencialmente social, concebido por um sujeito interagindo com outros. A memória dos participantes permite analisar o *Reisado* da cidade de Picos como fenômeno da Cultura. O integrante do grupo de *Reisado* do Riachão, por exemplo, não poderia apresentar o quadro do *Reisado* da Ipueiras, mas os dois relatos juntos refletem perspectivas de *Reisado* de cada região e contribuem para montar um quadro explicativo do objeto de estudo. A partir da comparação do *Reisado* de Picos e suas peculiaridades com os *Reisados* e *Folias de Reis* de outras Regiões do Brasil pode-se ter uma perspectiva da circulação de experiências populares no país.

A terceira parte mostra o quadro analítico do *Reisado* da Macrorregião de Picos a partir dos grupos que praticam o folguedo nos povoados da zona rural de Picos e de um grupo da zona rural no Município de Itainópolis. O contexto social e econômico da região fez com que esse grupo de Itainópolis fosse incluído na Macrorregião abrangida pelo Município de Picos. São cinco os grupos ativos que praticam o folguedo nos povoados de Torrões, Riachão, Pitombeira, Samambaia e Bocolô. Um grupo encerrou as atividades por desmembramento dos componentes do grupo, o do Bairro Ipueiras. Pela significativa importância para a cultura do Município de Picos, incluindo apresentações em outros Municípios do Piauí e consideravelmente admirado pelos moradores mais velhos da localidade o grupo foi inserido para estudo nesse trabalho porque contribui para a compreensão da prática do folguedo.

São analisados os principais elementos do folguedo Reisado praticado na Macrorregião de Picos, que é formado por quatro *caretas*, principal figura da apresentação, que fazem Repentes com teor cômico, dançam animadamente pelo terreiro em torno de uma figura complementar, que pode ser animal ou humana, com destaque para o *boi* e a *burrinha*. O estudo inclui a realidade dos grupos, a transformação nas práticas para as apresentações em clubes.

O registro dessa prática cultural pode contribuir para o conhecimento da História da Macrorregião de Picos, abrangendo âmbitos além da compreensão cultural, como o social e o econômico. O *Reisado* é um objeto que merece atenção acadêmica no Município de Picos por ser notada uma ausência de estudos a seu respeito.

## 1 REISADO COMO INSTITUIÇÃO CULTURAL

A manifestação cultural ganha peculiaridades conforme o contexto popular em que está inserida. A manifestação cultural do *Reisado*, objeto desse estudo, é praticada como folguedo popular no Brasil e ganha características específicas em cada realidade local. É tradição que promove convívio e está inserida na cultura local. O título de Patrimônio Cultural atribuído ao folguedo afirma a concepção de que faz parte da riqueza de um povo.

O *Reisado*, também denominado *Folia de Reis*, ou *Terno de Reis*, ou *Janeiras* é manifestação da cultura brasileira. Como folclore, marca diferenças conforme a região em que se apresenta, possui um vínculo de inserção no cenário social brasileiro dado pela cultura portuguesa do período da colonização.

### 1.1 Celebração cultural

O *Reisado* como manifestação cultural presente em diversas localidades brasileiras é reflexo das características sociais dessas localidades. A prática desse folguedo popular expressa o cotidiano, as tradições herdadas e representa, entre outros fatores aos quais se alia, a identidade do sujeito histórico que a pratica.

O reconhecimento da importância da manifestação cultural de um povo começou no Brasil com políticas de valorização e preservação da cultura na década de 1930, em nome da memória e da identidade da nação, ganhando conceito de Bens culturais do País (PEDRAZANI, 2010, p. 157). Primeiramente, o objeto dessa conceituação era unicamente os bens materiais, tais como os antigos prédios coloniais, pela sua arquitetura, e pela arte significada nela.

Políticas que defendiam o conceito de Patrimônio como uma riqueza não apenas material, arquitetônica, mas um Patrimônio que incluía expressões culturais que representavam a identidade e as tradições de um povo e o resultado delas foi a elaboração do Artigo 216 da Constituição Federal de 1988.

A seção II do Capítulo III da Constituição Federal de 1988 define o tema do Patrimônio material e imaterial como parte da Cultura, especificando seus âmbitos:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, Decreto n. 3.551, 2000).

O conceito de Patrimônio cultural foi recentemente regulamentado pelo Decreto n. 3.551, de 4 de agosto de 2000, que “institui o registro de bens culturais de natureza intangível que constituem o patrimônio cultural brasileiro e cria o programa nacional do patrimônio imaterial” e pelo qual o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – responsável por receber e supervisionar as propostas para registro das manifestações culturais, acompanhadas de sua documentação técnica – emite parecer acerca da proposta de registro do bem cultural e envia o processo ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, para deliberação da proposta. Em caso de decisão favorável deste, o Bem cultural recebe o título de Patrimônio Cultural do Brasil. Os itens aprovados podem ser inscritos de acordo com a tipologia: de *Saberes*, que especifica os “modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades”; de *Celebrações*, que especifica os “rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”; das *Formas de expressão*, que especifica as “manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas”; e dos *Lugares*, que especifica “feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas” (Decreto n. 3.551,2000).

O IPHAN caracteriza o Patrimônio imaterial, de acordo com as diretrizes da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), como

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (IPHAN, 2012)

A característica principal para o reconhecimento do Patrimônio imaterial é o de que ele seja

Transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (IPHAN, 2012)

Representações diversas da cultura popular como o *Reisado* e o *Bumba-meu-boi* se enquadram no item I do artigo 216 da Constituição Federal, como Formas de expressão, no entanto não são reconhecidas com o título de Patrimônio Cultural pelo Decreto n. 3.551, 2000,

não estando registrados no Livro de registro das *Celebrações*. Já há estudos sobre esses festejos que salientam sua importância e defende a inclusão.

## 1.2 A tradição da Celebração do *Reisado*

A denominação do *Reisado* para esse fenômeno cultural está em discussão, como a revisão bibliográfica realizada demonstrou. Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto (1977), Carlos Rodrigues Brandão (1977), Sebastião Rios (2006), Rogério Lopes da Silva Paulino (2008), Daniel Bitter (2010) preferem a denominação de *Folia de Reis*, por receber esse nome nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, onde estudaram a ocorrência dessa festa.

Segundo Zaíde Castro e Aracy Couto (1977), a *Folia de Reis* pretende reproduzir a viagem dos magos a Belém para visitar Jesus. No festejo popular os foliões partem à meia-noite do Natal para visitar casas de amigos e parentes, em marcha, numa companhia de doze homens, tendo à frente e ao centro o bandeireiro, que carrega o estandarte – a bandeira dos santos Reis – que representa a devoção e a intenção de todos. Ainda conta com a participação dos *palhaços*, que representam os soldados de Herodes, perseguidores do Menino que estão vestidos de forma galhofeira e usam máscara. Durante a marcha, os participantes não podem ficar ao lado nem passar à frente da bandeira. Fazem graça ao público ao som de bumbo, sanfona, viola, cavaquinho, pandeiro e caixa-de-guerra, que são os instrumentos usados no festejo. Os cânticos referem-se apenas ao nascimento de Cristo e à vinda dos Magos, e, raras vezes, à fuga da família de José para o Egito para escapar da Lei romana. O ambiente de religiosidade em que são produzidas as folias reproduz a elaboração de letras inspiradas no Antigo e o Novo Testamento.

Na conceituação de Câmara Cascudo (2002), *Reisado* é a denominação erudita para designar os grupos que cantam e dançam nos dias 5 e 6 de janeiro, véspera e dia de Reis. Este nome vem do vocabulário português, onde se diz *Reisada* e *Reiseiros*, que tanto pode designar o cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, quanto os autos sagrados inspirados na história de Cristo. Câmara Cascudo (2002, p. 581) classifica o *Reisado* como “auto popular profano-religioso” pertencente ao ciclo natalino e que é formado por grupos de músicos, cantadores e dançarinos que vão de porta em porta anunciar a chegada do Messias e homenagear os três Reis Magos. Sobre a estrutura, afirma que o *Reisado* pode ser apenas a cantoria como também pode possuir enredo ou ser composto de série de pequenos atos, encadeados ou não.

O *Reisado* distingue-se da *Folia de Reis*, segundo Câmara Cascudo, pois esta última apresenta conceituação próxima à de Zaíde Castro e Aracy Couto (1977) com aspectos da *Folia do Divino*, outro folgado popular estudado pelo autor. Ele afirma que as *Folias de Reis* andam à noite dos dias 24 de dezembro, véspera de Natal, até o dia 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora da Candelária, no intuito de pedir contribuições para a festa dos Reis Magos. Os foliões saem de porta em porta tanto na zona urbana como na zona rural, sendo que na zona rural o festejo recebe o nome de *Folia de Reis de Caixa*, com os participantes tocando violões, cavaquinho, pandeiro, pistão e tantã. Eles despertam os moradores, recebendo esmolas, servindo-se de café ou pequena refeição, sendo o chefe do grupo o *alferes* da *Folia de Reis*.

Daniel Bitter (2010, p. 9), com um olhar sociológico, conceitua a *Folia de Reis* como um empreendimento festivo que ocorre em grande parte do território brasileiro em que homens, mulheres, crianças, jovens e idosos se envolvem intensamente em amplas teias de reciprocidade sociais. Afirma que esses empreendimentos tem lugar em momentos especiais da vida coletiva, quando os laços de solidariedade se acentuam de modo notável. Observando a ocorrência pelo viés da inserção local, o sociólogo reconhece “intermináveis variantes” das *Folias de Reis* que apresentam estrutura semelhante, formada por uma base organizacional de um grupo dividido entre cantores e instrumentistas. Os foliões realizam, anualmente, visitas rituais às casas de devotos durante o período de festejos natalinos, compreendido entre 25 de dezembro e 6 de janeiro, distribuindo bênçãos em troca de donativos. Ao final desse ciclo de visitas, os grupos celebram uma grande festa em louvor aos Magos do Oriente: Melquior, Baltazar e Gaspar. Nesse estudo, Bitter (2010) foca o papel de dois objetos considerados cruciais na *Folia de Reis*: a bandeira dos santos reis e as máscaras dos *palhaços*, que são personagens fundamentais nessas festividades.

A visão sociológica de Bitter é inspirada no trabalho de Carlos Brandão (1977), que compreende a *Folia de Reis* como um “sistema de prestações sociais” entre os participantes envolvidos, em que cada membro do grupo coloca em prática suas habilidades para formar o conjunto da estrutura a *Folia de Reis*, como o *palhaço*, com a habilidade humorística, o *alferes*, pelo espírito de liderança. Participam ainda os atores dos autos, além dos músicos e os instrumentistas.

Outro ponto salientado por Brandão é o de que a *folia* não é formada apenas por um grupo de cantores e instrumentistas, mas conta um sistema que envolve devotos, moradores das casas, vizinhos, pessoas entre as quais se estabelece algum tipo de relação fundamental. “Essa abordagem permite deslocar o olhar objetificado sobre uma determinada manifestação

cultural para as relações sociais, interações e alianças concretas que, por meio dela, se constroem” (BITTER, 2010, p. 11).

Na perspectiva de estudo desenvolvido por Oswald Barroso (2012, p. 8) o *Reisado* “é um teatro nômade, peregrinal, processional, ambulante, uma grande narrativa desenvolvida por um grupo de brincantes, sem começo ou fim, na busca interminável da utopia”. Existem dois tipos de *Reisado* nessa classificação, o de *Congos* e o de *Caretas*. O *Reisado de Congos* denomina o cortejo de ida: é um *Reisado* de desencantamento no qual os brincantes abandonam suas identidades cotidianas, ou seja, a de lavradores, fazendeiros, pais de família, e se revelam como reis. O *Reisado de caretas* é o cortejo de volta: os brincantes são reis que nesse momento se disfarçam de vaqueiros e outros trabalhos do ciclo do gado para enganar os inimigos. Deste ponto de vista, a etapa do cortejo representaria uma forma de ocultamento, disfarce ou encantamento usado como defesa contra perseguidores poderosos (BARROSO, 2012, p. 73).

A diferença entre os tipos de cortejo explicitados por Oswald Barroso se inspira no contexto bíblico das viagens marcadas por situações diferentes e conhecidas dos católicos. A ida se refere ao nascimento de Jesus, quando é visitado em Belém pelos magos do Oriente para adorá-lo. Perguntam pelo rei dos judeus que nasceu, pois seguiam uma estrela para encontrar onde adorá-lo, notícia que chegou a Herodes, rei de Jerusalém. Intimidado, pediu aos reis magos que lhe comunicassem quando soubessem onde o menino estava, para também adorá-lo. Ao encontrar Jesus, com a ajuda da estrela, os magos o adoram e presenteiam com ouro, incenso e mirra. A volta alude ao sonho revelador, em que os reis magos foram avisados por Deus para não tornarem a Herodes, que seguissem por outro caminho para voltar ao Oriente. Herodes, irado ao perceber que tinha sido enganado pelos magos, mandou matar todos os meninos nascidos em Belém, embora a essa altura, José já tivesse fugido para o Egito com sua família, graças, também, a um sonho revelador.

Segundo Yara Moreyra (*apud* RIOS, 2006, p. 67) são dois os momentos manifestados na epifania cristã de seis de janeiro, no cortejo de ida e volta: o *officium pastorum*, que se refere ao nascimento e a chegada dos pastores à manjedoura, e o *officium stellae*, que compreende o anúncio aos Reis, a viagem seguindo a estrela, o encontro com Herodes, a adoração do menino, a entrega dos presentes, a volta dos Reis por outro caminho e a matança dos inocentes.

São divisões da apresentação de *Reisado* que servem para classificá-lo seguindo diferenças da tradição cristã moldada pela narrativa bíblica que inspiram a constituição do folgue-

do. Na tradição portuguesa, o termo *folia* é aplicado aos festejos populares do período de festas do Natal e significa uma “dança viva ao som de pandeiro e canto, representando os próprios Reis que vão adorar o menino Jesus” (RIOS, 2006, p. 66). Pode ser observado, por exemplo, como parte do *Auto da Sibila Cassandra*, do poeta português Gil Vicente, e se reporta, em Portugal, à Idade Média. Os dramas sacros eram então encenados nas igrejas no período natalino, em latim e limitados ao conteúdo bíblico e à música litúrgica. Os autos religiosos não continham dança, porque essa prática era então condenada pela Igreja.

Para compreender a proibição, é preciso considerar que nas civilizações antigas, a dança estava inserida no contexto do sagrado. Na religião politeísta do Egito, por exemplo, ocorriam os cultos dançantes das sacerdotisas de Ísis, caracterizados como o mito do *Deus Dançante* e realizados também nas festas das divindades para Dionísio, em Roma, e para Osíris, no Egito Antigo (BOURCIER *apud* CALDEIRA, 2008, p. 2). A mudança da concepção sobre o papel da dança no medievo católico pode ser entendida ao se considerar a divisão conceitual proposta por Mircea Eliade, do dualismo sagrado e profano. Na Idade Antiga, na religião de tipo politeísta, a prática religiosa incluía o culto dançante nos templos dos deuses, como entre os gregos, os egípcios, os mesopotâmios e, na América, entre os maias. A reverência ou louvação feita aos deuses era acompanhada pela dança, que recebia ali o caráter sagrado. No cristianismo medieval, com novos padrões rituais definidos para o comportamento do fiel, a dança foi excluída das celebrações e relegada ao contexto profano.

A dança, pela característica de festividade popular, portanto situada no âmbito profano, foi mantida na *Folia de Reis* desde o surgimento, na Idade Média. Nas igrejas ocorria o drama sacro, de representação do Auto de Natal. Fora das igrejas, mantido o contexto popular, ocorria a reinterpretação desses dramas sacros pela população, com a dança realizada ao som de pandeiros e tambores. A *Folia de Reis* surgiu no contexto dessas práticas religiosas populares, propõe Solange Pimentel Caldeira (2008).

Na concepção de Rogério Paulino (2008, p. 4), a *Folia de Reis* é resultado da adaptação de práticas consideradas profanas, pelo catolicismo, existentes nas comunidades, e que passara a fazer parte da expressão religiosa. As festas profanas, concentradas entre a última semana de dezembro e a primeira semana de janeiro, eram cultos relacionados à fertilidade e à veneração do sol. Os cristãos apropriaram-se desses e de muitos outros elementos de práticas pagãs, ressignificando-os para a realidade cristã, ao fazer coincidir as datas comemorativas do calendário cristão com as do calendário pagão. Surgiram, entre outros eventos, as *festas de epifania* (PAULINO, 2008, p. 4) instituídas para comemorar os Santos Reis e que ocorriam

no mesmo período dos cultos de fertilidade. A classificação de *Folia de Reis* como *festa de epifania* obedece ao critério de aplicação do conceito de hierofania, que etimologicamente significa o sagrado que se revela, ou a manifestação do sagrado no mundo:

Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo. (ELÍADE, 1992, p. 13)

A epifania é uma manifestação subordinada à hierofania, conceito que significa “festividade religiosa com que se celebra a aparição ou manifestação divina. A festa cristã da Epifania, em 6 de janeiro, o dia de Reis, comemora a primeira manifestação de Jesus aos gentios, representados pelos reis magos...” (LOZI, *apud* ANDRADE; NOGUEIRA; SILVA, 2007, p. 3). O *Reisado*, do ponto de vista da religiosidade popular cristã, é, portanto, uma epifania que festeja uma hierofania.

A literatura especializada indica que a tradição do *Reisado* foi trazida para o Brasil por intermédio dos portugueses durante o período da colonização, era uma prática existente em toda península ibérica, principalmente em Portugal, de onde vem sua denominação. Segundo Câmara Cascudo (2002, p. 581),

O *Reisado* teve origem nas festas portuguesas denominadas janeiras ou rei-seiras que no Brasil eram celebradas até o final do século XIX, desde o Natal até o Carnaval. Cantam e dançam, batendo de porta em porta em homenagem aos Reis Magos e ao Menino Jesus, sendo recebidos com comida e bebida.

Relativamente à tradição popular, Lucia Vera Pergo, refere o acréscimo do interesse catequético dos jesuítas no desenvolvimento da prática do *Reisado* no Brasil, a partir do século XVI. Foi introduzida cerca

Do ano de 1534, por meio dos Jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros escravos. Dessa forma, a *Folia de Reis* brasileira passou a ser composta pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos, com variações regionais, seja quanto ao estilo, ao ritmo e ao som, entretanto, mantendo a mesma crença e devoção ao Menino Jesus, a São José, a Virgem Maria e aos Reis Magos. (PERGO, 2005, p. 1)

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos jesuítas para a catequese. Os padres Manoel da Nóbrega e Jose de Anchieta usavam a folia e outras danças nas procissões e nos autos encenados para conversão dos índios ao cristianismo. Com a consolidação da colonização, os rituais de festa católica utilizados na catequese do índio, do escravo negro, dos mesti-

ços e dos brancos foram incorporados às festas dos padroeiros, escolhidos como santos protetores de uma determinada localidade. A prática tradicional do catolicismo popular desde esse período colonial, tinha como uma de suas características a procissão e a “combinação da procissão seguida de folia foi recorrente na formação das expressões da música tradicional, como a Folia de Reis, Folia do Divino, Folia de São Sebastião, Dança de São Gonçalo” (RIOS, 2006, p. 67).

Théo Brandão e Eliana Maria de Queiroz Ramos também afirmam que a formação do *Reisado* como prática cultural deriva da catequese jesuítica e que essa forma de expressão se instalou no nordeste brasileiro. Apresentam a proposta de interpretação de que a prática do folguedo tenha se organizado na zona açucareira da capitania hereditária de Pernambuco, atual Alagoas, e que dali migrou para toda área de abrangência do sertão nordestino pela adoção da prática por senhores de engenho e como consequência do trabalho de ordens religiosas católicas que praticavam a catequese.

Lembrando o contexto brasileiro nos primeiros séculos da colonização (XVII e XVIII), Maria Cecília Nunes (2003, p. 261) afirma que no sertão nordestino, região trabalhada neste estudo, existia diferentes povos interagindo culturas e hábitos, como ameríndios, portugueses, franceses e holandeses, que viviam a realidade das fazendas de gado e de atividades de extrativismo vegetal, como a carnaúba, e influenciavam a paisagem e as manifestações socio-culturais representadas pela pluralidade de danças, cantos, crenças e outras expressões marcadas pelo mobiliário, artesanato e religiosidade típicas de cada povo.

Sendo *Folia de Reis* considerada uma epifania da primeira visita ao filho de Deus pelos reis magos que vinham do Oriente e tendo o período de realização entre os dias 24 de dezembro e dia 5 de janeiro, ou seja, vésperas de Natal e do dia de Reis, o *Reisado* está inserido tanto no contexto do catolicismo popular como no da cultura popular. Para tratamento do folguedo como expressão cultural pode-se considerar a divisão da cultura entre erudita e popular, como propõe Peter Burke (1989, p. 25) que afirma, relativamente ao termo cultura, a tendência de

Referir-se à arte, literatura e música [...] hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo ‘cultura’ muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade – comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante [...]. O que se costumava considerar garantido, óbvio, normal ou ‘senso comum’ agora é visto como algo que varia de sociedade para sociedade e, portanto, requer explicação e interpretação social e histórica.

Atos normais do cotidiano de membros de uma dada sociedade são exemplos de cultura pela característica de que mudam de uma para outra. A interpretação dessas práticas necessita da explicação histórica. O catolicismo popular pode ser estudado de acordo com esse pressuposto pois as festas dos padroeiros, por exemplo, variam de comunidade para comunidade, bem como a explicação histórica para a escolha do padroeiro para as formas pelas quais o padroeiro é festejado com inclusão de outros eventos populares, como o bingo ou o leilão.

Para Carlos Rodrigues Brandão (1986, p. 15), uma importante maneira de compreender expressões da cultura popular é através do estudo da religião; nela a cultura aparece viva e multiforme, existindo um estado constante de luta por sobrevivência e autonomia. A cultura popular, portanto, inclui os eventos da religião popular.

De acordo com o estudo de Rogério Lopes da Silva Paulino (2008, p. 10), que aborda a expressão musical das festas, existem *folias* que são encenadas durante o dia e outras durante a noite, há *folias* com ritmos populares tradicionais, como a catira, o lundu e outras com ritmos que misturam estilos musicais contemporâneos, como o *funk* e o samba, por exemplo, no Rio de Janeiro. O levantamento realizado nesse estudo mostra a diversidade das expressões locais, pois há *folias* em que se apresentam personagens mascarados e outras compostas apenas de músicos. Em determinadas *folias* os participantes apenas cantam e rezam; em outras eles também contam histórias e dançam.

O regionalismo contribui para que se construam as explicações sobre essas divergências. A realidade e o ambiente em que uma mesma manifestação cultural ocorre são diferentes e por isso seu conceito e estrutura “não atingem status de categoria autônoma na análise social, pois adquire significativos sentidos quando contrastada com outras dimensões destas realidades”, afirma Rodrigo Manoel Dias da Silva (2011, p. 76) no artigo *A temporalidade diacrônica como categoria no estudo das culturas contemporâneas*, explicitando ainda:

Estes cruzamentos de significação produzem o conhecimento antropológico, desde fazeres de tradução do antropólogo (GEERTZ, 1978), e dão condições de possibilidade para compreendermos os pluralismos (PESSANHA, 1987) e diferenciações culturais. Na contemporaneidade, portanto, estes processos interpretativos atualizam-se permanentemente e oportunizam a produção dos saberes em ciências sociais.

Os Estados do Brasil com maior presença da *Folia de Reis*, de acordo com a revisão bibliográfica realizada, são Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. No Nordeste, o festejo é conhecido pelo nome de *Reisado* e o Estado do Piauí também conta com essa manifestação cultural. Há notícia de grupos de *Reisado* atuando em Picos, Teresina, Jaicós, Paulis-

tana, Bocaina, Sussuapara, Ipiranga e Boa Hora. Os grupos apresentam diferenças consideráveis se comparados com a Folia de Reis descritas pelos estudiosos do tema nos Estados do Sudeste e do Centro-Oeste. Podemos destacar, por exemplo, o festejo de Quirinópolis, Minas Gerais:

Durante o percurso que a folia percorre, são angariados alimentos, animais, dinheiro, que, entre outras coisas, servem para cobrir as despesas da festa, como afirma D. Vicensa: ‘A festa é feita com o que se arrecada nas andanças dos foliões. Eles em cada casa que passam pedem algo, sem contar com o *palhaço* que sempre vai à frente e, por muitas vezes, chega a roubar coisas que está com maior facilidade, como galinhas, arroz, entre muitas outras coisas.’ (ANDRADE; NOGUEIRA; SILVA, 2007, p. 4)

Pelo relato, o *Reisado* de Quirinópolis tem a peculiaridade do furto praticado pelos *palhaços*, o que não é registrado nos estudos sobre o *Reisado* de outras regiões do sudeste. Uma constante, de acordo com as descrições, é a habilidade dos participantes do *Reisado* enunciarem versos engraçados e longos, mas o conteúdo e forma dos versos também variam de uma região para outra, e nessa mesma variam também entre grupos de *Reisado* diferentes. Os versos podem ser de diversos tipos e exercer diferentes funções na configuração do que podemos denominar de dramaturgia da folia. Em um grupo são entoados versos de chegada, de despedida; versos para abrir rodas; para elogiar o dono da casa que recebe o grupo de *Reisado*; versos para chamar os personagens que fazem parte do *Reisado*. Os cantos entoados são chamados também de cantigas, como nos casos estudados na macrorregião de Picos: há a cantiga da porta, que marca o início da brincadeira, que pede ao *amo*, ou senhor da casa, para os *caretas* entrarem. A temática é bastante variada também, podendo ser abordados assuntos como o amor, o sexo, as mulheres, o casamento e a traição. Os cantos constituem, na perspectiva do estudo de Brandão (1977, p. 34-43) espécies de crônicas do cotidiano, por abordarem temas relacionados ao dia a dia dos foliões.

O *Reisado* pode ser praticado por um grupo para atender a um morador do local que fez um pedido para os santos Reis, outro santo católico, ou ainda a Deus. A realização do folguedo é o cumprimento ou pagamento de uma promessa por uma graça alcançada, como registrado na década de 1950 até os últimos *Reisados* na região de Picos. Predomina nessa região os *Reisados tirados*<sup>1</sup> por iniciativa do dono da casa com intuito de divertimento ao reunir amigos e parentes, sem o motivo religioso. Na década de 1990 também aconteceram as apresentações financiadas pela Prefeitura Municipal de Picos, com o objetivo de valorizar as representações da cultura popular, sendo exemplos dessa prática, uma apresentação dos grupos de *Reisado* de

<sup>1</sup> Expressão usada pelos praticantes de *reisado* de Picos

Torrões e do bairro Ipueiras relatada pelos entrevistados, ocorrida em 1999 no Picoense Clube em comemoração aos festejos juninos, e outra apresentação do *Reisado* de Torrões, em maio de 2011, no povoado Alto de Canudos como parte da programação da I Semana Cultural de Picos, documentada para essa pesquisa.

## 2 REISADO COMO FOLGUEDO

O *Reisado* tem sido objeto de estudo nos campos da Música, Dança, Sociologia e Comunicação, pois engloba aspectos que interessam a pesquisadores de diferentes áreas. O *Reisado* como folguedo é constituinte do folclore brasileiro e considerado, por isso, como manifestação cultural produzida no contexto da religiosidade popular ibérica transmitida para o Brasil pelos jesuítas na época colonial sendo, por isso, também objeto de estudo da História, como vemos em Carlos Rodrigues Brandão (1977), Theo Brandão (2012), Osvaldo Barroso (2012), Simone Pereira da Silva (2011), Vera Lúcia Pergo (2012).

Na área da Música, a letra cantada pelos mestres e *caretas* foi analisada por Welson Tremura (2008), abordando os valores cristãos expressos nos versos da toada e na melodia na tradição da *Folia de Reis* bem como a sua relação com a música caipira, expressando a relação com o cotidiano vivido:

O processo criativo e a exteriorização de princípios cristãos baseado nas relações de reciprocidade entre seus participantes. Anseios por melhores condições de vida, saúde pessoal, e melhores relações familiares leva os participantes da tradição a buscarem formas de exteriorizar em verso suas necessidades sociais e espirituais. (TREMURA, 2008, p. 1)

Na área da Dança são estudados os movimentos dos passos, a cadência, a influência da dança nordestina nos passos das apresentações, como expresso no livro de Gustavo Pereira Cortês, *Dança, Brasil!: festas de danças populares*. A técnica das danças populares é analisada sob a ótica do conhecimento produzido. Solange Pimentel Caldeira (2008) analisa o folguedo sob o critério do dualismo do sagrado e o profano existente na dança e presente nas manifestações da religiosidade popular em *A religiosidade na dança: entre o sagrado e o profano*.

Estudos sociológicos são feitos a partir da manifestação do *Reisado* em casos como a organização social, esta que é considerada como consequência do *Reisado* em uma comunidade. A manifestação cultural, de acordo com essa área de abordagem, adquire uma força dentro da comunidade ao ponto de reestruturá-la. A comunidade se move pelo *Reisado*, como no caso constatado em São Gonçalo, Município da região metropolitana do Rio de Janeiro, estudado por Luiz Gustavo Mendel Souza. A conclusão do filósofo é a de que a realização do *Reisado* é capaz de “refazer os movimentos da sociedade urbana remodelando o espaço geográfico e suas organizações através de um movimento cultural que foi sendo reconhecido pela cidade e atribuindo uma nova identidade ao município” (SOUZA, 2011, p. 8).

O conceito de *folkcomunicação* foi produzido na área da comunicação e significa a comunicação popular no contexto do folclore, isto é, explicita a participação do folclore nos meios de comunicação de massa. Eliana Maria de Queiroz Ramos e Betânia Maciel (2011) verificam a ocorrência do *Reisado* em Bezerros sob o conceito *folkcomunicação*. O estudo mostra a cultura popular como estratégia de atração turística da cidade através da espetacularização do folguedo, financiada pelas políticas públicas. Essa prática frequente nas manifestações culturais brasileiras está presente também no *Bumba-meu-boi* em Teresina (PEDRAZANI, 2010). Ramos & Maciel (2011) analisam a espetacularização sob a ótica da *folkcomunicação*, e a consideram uma estratégia de comunicação para o turismo cultural e desenvolvimento econômico de uma cidade. Em Picos não há envolvimento político na espetacularização do *Reisado*, o folguedo é limitado a periferia e dos povoados. Exceções em Picos podem ser registradas pelo apoio da Prefeitura Municipal de Picos em eventos como o realizado no dia 31 de maio de 2011, em Altos de Canudos, e em 7 de janeiro de 2012, no Bocolô, na casa de *seu Creu*. O conceito de *folkcomunicação* pode ser trabalhado nesses casos, como nos casos em que há utilização de meios de comunicação em massa para divulgação de apresentações de *Reisado*. Exemplo dessa modificação que ocorre está dada também por apresentações realizadas em clubes nos Torrões, anunciadas na Rádio Difusora de Picos, e no bairro Junco, divulgadas em carro de som. Podemos perceber a utilização dos meios de comunicação para divulgação do folguedo na atualidade, o que significa uma modificação relativamente à prática das décadas passadas.

O *Reisado* é expressão da cultura do povo nas regiões em que se manifesta. É, por isso, elemento formador da identidade dos indivíduos na realidade que estão inseridos. A formação da identidade do sujeito, na concepção de Stuart Hall (2006, p. 12), se dá a partir da relação do indivíduo e sua cultura:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ — entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Pelo artigo 216 da Constituição Federal brasileira, as formas de expressão constituem patrimônio cultural brasileiro, como portadores de referência à identidade. A relevância do *Reisado* como patrimônio cultural e sua preservação, por representar expressão de uma comu-

nidade, não recebe ali o mesmo reconhecimento dado a outras expressões culturais:

A nossa realidade é riquíssima, a nossa realidade é inclusive desconhecida. Eu não creio que nós tenhamos condições de conhecer verdadeiramente, de ter uma noção precisa do potencial que existe dentro do espaço brasileiro. É essa realidade que precisa ser conhecida. É essa realidade que precisa ser levantada. É como se o Brasil fosse um espaço imenso, muito rico, e um tapete velho, roçado, um tapete europeu cheio de bolor e poeira que tentasse cobrir e abafar esse espaço. É preciso levantar esse tapete, tentar entender o que passa por baixo. É dessa realidade que nós devemos nos aproximar, entendendo, tendo sobre ela uma certa noção. (ANDRADE *apud* PEDRAZANI, 2010, p. 164)

A cultura, sob o ponto de vista de Edward P. Thompson (1998, p. 14), está ligada aos costumes e tradições de uma classe: “Nos séculos precedentes, o termo ‘costume’ foi empregado para denotar boa parte do que está implicado na palavra ‘cultura’”. A cultura, para Edward P. Thompson, é uma arena de elementos conflitantes entre classes sociais, a dominante e a subordinada. Elementos da classe subordinada estariam ameaçados pelo esquecimento sob a opressão da classe dominante diante das transformações do contexto histórico da Revolução Industrial, gerando movimentos sociais específicos, no caso estudado, na Inglaterra. Dentre esses elementos estaria a festa, analisada pelo Historiador como um microtema da História cultural, pois a festa faz parte de uma gama de fatores em que estão inseridos os ritos, o cotidiano e as tradições das classes populares em conexão à luta de classes e resistência social dentro do contexto histórico de transformação (VAINFAS, 1997, p. 157). Sobre a festa como evento popular, Carlos Rodrigues Brandão (*apud* PEDRAZANI, 2010, p. 25) afirma:

Excesso, contraste, celebração, memória, ruptura, reiteração simbólica da ordem, sucessão de opostos e justaposição, eis a matéria-prima da festa [...] Ora, qualquer que seja a situação simbólica e a intenção proclamada de sua realização, tudo o que ela tem para celebrar é a experiência da própria vida cotidiana.

Viviane Pedrazani (2010, p. 25), ao trabalhar sobre o tema da festividade denominada *Bumba-meu-boi* de Teresina, considera a festa um “projeto de memória coletiva”, com a finalidade de “motivar, atualizar e suscitar o sentimento de pertença e coesão de um grupo”. A autora aplica esse conceito da memória coletiva para explicar a tradição da festa de *Bumba-meu-boi* teresinense, produto de um esforço constante de mestres e brincantes para manter viva a manifestação cultural em seu meio.

Do mesmo modo observado para Teresina, no *Reisado* picoense pode-se notar esse esforço dos que fazem parte da brincadeira do *Reisado* por manter a tradição presente. A re-

memoração das tradições dos antecessores é transmitida de uma geração a outra em função da busca expressa por manutenção da cultura específica das localidades.

De acordo com Maurice Halbwachs, a memória coletiva é aquela que envolve as memórias individuais. A rememoração pessoal se encontra na encruzilhada das malhas de solidariedade múltipla em que os indivíduos estão engajados, ficando amparada em uma história que é vivida por indivíduos de um grupo. A memória é, por isso, um fenômeno essencialmente social, concebida por um sujeito dotado dela interagindo com outros sujeitos e suas respectivas memórias. É insuficiente, afirma,

reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 34)

Peter Burke acrescenta ao modelo de memória coletiva de Halbwachs o elemento de seleção de memórias praticado pelos participantes de um determinado grupo. Propõe ser necessário:

Identificar os princípios de seleção e observar como eles variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, e como mudam com o passar do tempo. As memórias são maleáveis, e é necessário entender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade. (BURKE, 2006, p.73)

A pesquisa das fontes sobre o *Reisado*, com metodologia da História Oral, concretamente demonstrou como as memórias dos participantes do *Reisado* picoense variam conforme o grupo, caracterizando contextos geográficos diferentes. O grupo dos Torrões, o do Riachão, o de Samambaia, o do Bocolô, o de Ipueiras e o de Pitombeiras possuem memórias moldadas pela experiência conjunta. Os participantes compartilham as mesmas lembranças sobre o *Reisado*. O registro de maleabilidade da memória pelo historiador auxilia a compreensão de variações de registros dentro de um mesmo grupo, quando o relato da mesma experiência é feito por participantes de épocas diferentes. A denominação de *Reis de Palhas* no *Reisado* de Ipueiras, por exemplo, foi diferentemente dada por Antônio João de Araújo, que disse ser uma brincadeira de crianças, sem profissionalismo. E José Armínio afirmou ser uma classificação do *Reisado* picoense, e, portanto, profissional. Sendo que Antônio João faz parte do contexto de apresentação do *Reisado* desse grupo das décadas de 1940 a 1970 e José Armínio, de 1970 a 1998.

Paul Thompson (1992) afirma que a fonte oral é o meio pelo qual o historiador pode trabalhar as subjetividades oriundas da percepção humana. Essa metodologia permite descolar as camadas de memórias para trabalhar as informações.

Divergindo do modelo inglês de História Cultural de Edward P. Thompson, Roger Chartier propõe a aplicação dos conceitos de *representação*, *prática* e *apropriação* para o estudo da cultura. Pelo conceito de *representação*, informa que “o social só faz sentido nas *práticas* culturais e as classes e grupos só adquirem alguma identidade nas configurações intelectuais que constroem, nos símbolos de uma realidade contraditória representada” (*apud* VA-INFAS, 1997, p. 155). Sobre *apropriação*, Chartier (1987, p. 26) afirma que o objetivo é construir uma “história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”. Roger Chartier afirma que a

História deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga idéia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar – dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação. (CHARTIER, 1987, p. 27)

O folguedo *Reisado*, analisado sob o critério de abordagem de Roger Chartier, deve ser considerado como uma forma de representação da realidade das comunidades em que se manifesta. A representação das memórias dos praticantes tem o caráter de prática festiva que apresenta uma visão de mundo dos envolvidos na prática. Há apropriação dos elementos fundamentais para realização das representações, com reinterpretções da realidade em que o grupo está inserido. Também as trovas cantadas durante a brincadeira são apropriações dos fatores externos ao brincante. Os versos reinterpretam situações ou assuntos polêmicos da realidade local, ou, ainda, os fatos engraçados conhecidos pela platéia.

A proposta de Roger Chartier pode ser considerada paralelamente à caracterização do regionalismo, que é uma característica marcante da cultura brasileira, de acordo com Câmara Cascudo (2002). O autor enumera os verbetes utilizados para nomear a tradição do *Reisado*: *Janeira*, *Folia de Reis*, *Guerreiro*, *Trança*, *Turundu*, *Reis* e *Folia* são os nomes que designam o festejo. Na caracterização desse tipo de ocorrência do folclore brasileiro, afirma que as brincadeiras são influenciadas pelas realidades de cada região em que se manifestam e possuem semelhanças advindas do contexto histórico de formação do folguedo. As diferenças são pro-

duzidas pela realidade das regiões em que as práticas ocorrem. Para compreender essa possível diferença da tipologia, comparamos o *Reisado* da cidade de Picos com as *Folias de Reis* estudadas por Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto (1977), Oswald Barroso (2012), Rogério Paulino (2008), Sebastião Rios (2006), Vera Lucia Pergo (2012) e observamos pontos fundamentais do folguedo *Reisado* presentes nas realidades por eles estudadas. É recorrente o fato de que os brincantes, sejam eles *caretas*, reis ou *palhaços* batam à porta das casas visitadas durante o período natalino até o dia de Reis, comemorado em seis de janeiro. Em Picos, como no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Goiás, em Minas Gerais ou no Ceará, o *Reisado* – ou *Folia de Reis* – é constituído por um grupo de foliões encapuzados ou mascarados, vestidos com trajes coloridos que fazem rimas em homenagem aos Reis Magos (CAS-CUDO, 2002, p. 581). Esses foliões se referem ao nascimento do menino Jesus visitado e adorado pelos santos Reis (CASTRO; COUTO, 1977, p. 18) e “comemoram a festa da epifania” (OLIVEIRA, 2012) em situação apresentada no início da brincadeira, que ocorre na entrada na casa visitada. A letra do canto de entrada da *Folia de Reis* do Rio de Janeiro sintetiza essa ocorrência:

O costume exige que se cante três vezes, pelo menos, em cada casa – a chegada, em que se declara a intenção da jornada, a de anunciar,

O Jesus, neto de Ana,  
que de Maria nasceu.

Uma *profecia*, geralmente a Adoração,

Entremos, cantores, entremos  
por este salão dorado  
Eu vou entrando, eu vou salvando,  
e para sempre sejas lovado,  
os Três Reis do Oriente  
na sombra do seu telhado  
Tamos fazend’ Adoração  
que de Deus samos mandado. (CASTRO; COUTO, 1977, p. 4)

Para comparação, reproduzimos a cantiga da toada da porta da casa visitada pelo *Reisado* de Ipueiras:

Ô de casa, ô de fora  
Ô de dentro, ô nobre gente  
Venha ouvir o Santo Reis  
Que veio lá do Oriente

Menina vai ver quem é  
É os tirador de reis  
De Jesus de Nazaré

Abre a porta meu amo  
 Que somos de longe e queremos seguir  
 É a chuva chovendo,  
 É a goteira pingando;  
 Abre a porta meu amo  
 Que eu to me molhando. (LUZ, 1988, p. 1)

As estrofes cantadas pelos brincantes ao longo da brincadeira são entoadas ao modo dos Repentes. O conteúdo é fruto do imaginário dos artistas, inspirados pela realidade, como afirma Reinaldo Marques (2011), integrante do grupo de *Reisado* dos Torrões. Os *caretas* da frente elogiam o dono da casa e a família; em seguida fazem o *mourão*, constituído pelo desafio de Repentes entre os *caretas* e que é realizado paralelamente à apresentação da figura *burrinha*.

O Repente é uma característica do enunciado dos versos do folguedo em diferentes regiões estudadas e a rima pode ser tanto uma habilidade natural dos brincantes como uma habilidade adquirida pela prática e aprendizado com os demais membros do grupo.

Oswald Barroso (2010) afirma que, para os *caretas* do *Reisado* cearense, o verso não se aprende, é natural de quem faz o ritual, está no sangue. Observamos, nos casos de *Reisado* da macrorregião de Picos que os *caretas* acompanham desde criança o folguedo: eles viam os adultos brincando o *Reisado*, e, como diz Reinaldo Marques (2011): “O *Reisado*, é o seguinte, eu comecei a brincar ele quando eu era criança, menino, o *boi* eu fazia sabe o quê? Um jacá<sup>2</sup>, o meu *boi* eu fazia de um jacá. A *burrinha*, fazia de qualquer uma brincadeira, de um enfeite, de qualquer coisa que achasse jogada por ali”. A cultura do *Reisado*, de acordo com o relato, é uma tradição recebida, sendo que “as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares” (THOMPSON, 1998, p. 18) e, no cotidiano brasileiro, incluem expressões do catolicismo popular, marcantes na cultura brasileira.

O *Reisado* pode ser também uma manifestação cultural legada de pai para filho, como relata José Armínio Luz, integrante do desativado grupo de Ipueiras, que aprendeu o folguedo com o pai, ou como conta Antônio João Araújo, também de Ipueiras que desde o avô teve membros da família participando do folguedo. Zaíde de Castro e Aracy Couto (1977, p. 7) consideram que “esta tendência continua a desenvolver-se [numa região]. Os filhos, ao nascer, já encontram os pais dedicados, de corpo e alma, à jornada dos *Reis*”. Em Picos, por exemplo,

<sup>2</sup> Espécie de cesto feito de taquara ou de cipó, e de forma variável, embora a forma mais conhecida no Nordeste seja a retangular, utilizada para conduzir carga, em geral de comestíveis, às costas de animais.

essa tradição é expressa por Reinaldo Marques da Silva, que demonstra preocupação com a continuidade dessa prática popular, ao afirmar que a geração atual não se interessa pelo folguedo porque, julga, os jovens estão inseridos no mundo tecnológico e contemporâneo.

A tradição local de realização do folguedo, como ocorre com o *Reisado* de Picos está ligada principalmente ao pagamento de promessas de um devoto, como registrado também em outras regiões por pesquisadores. Se uma causa de difícil solução, pedida em orações, tivesse sua graça alcançada, em troca, o devoto prometia ao Santo a realização de um *Reisado*, contratado para ocorrer na residência de quem fez a promessa. Esse contexto, referente à manifestação do *Reisado* pelo qual “a folia é consequência de uma promessa” (CASTRO; COUTO, 1977, p. 7) também ocorre em Picos.

Nos fins da década de 2000, com o surgimento do *Reisado* como espetáculo em Picos, com apresentações fechadas em clubes, com cobrança de portaria para pagar os custos, a apresentação de um *Reisado* deixou de ser consequência somente de promessas. A manifestação cultural passou do sentido religioso para o sentido de espetáculo, não deixando de ter o espírito sagrado dado pelas referências aos Santos Reis, à epifania e, como indica Reinaldo Marques (2011), à “origem bíblica” da tradição.

O folguedo de *Folia de Reis*, praticada nos Estados do Sudeste, como Rio de Janeiro e São Paulo tem a bandeira com estampa dos Magos como característica marcante (CASTRO; COUTO, 1977, p. 3). A bandeira é levada em procissão pelas casas dos foliões em todas as noites entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro. No Rio de Janeiro, à bandeira é acrescentada a imagem de São Sebastião, padroeiro da cidade; os festejos se estendem até 20 de janeiro, dia de São Sebastião. No *Reisado* do Nordeste, estudado com Oswald Barroso (2012), Theo Brandão (2008) e Simone Pereira da Silva (2002), não há inserção de festejo de outro santo nos folguedos de *Reisado*, substituindo-se a bandeira com a entrada de figuras inspiradas em animais característicos do cenário nordestino. As diferenças indicam influência do regionalismo, como no Sudeste, em que ocorre a Folia do Divino, essa festa religiosa que foi estabelecida em Portugal nas primeiras décadas do século XIV e trazida para o Brasil no século XVI. Constitui-se de músicos e cantores que levam a bandeira do Divino representando uma pomba simbólica da Trindade ilustrada e levada em procissão pelas ruas (CASCUDO, 2002, p. 198).

A realização de promessas vinculadas ao *Reisado* está relacionada com a tradição católica. A promessa tem intensidades diferentes e peculiaridades nas regiões onde é praticado o folguedo. Em Canindé, no Ceará, por exemplo, devido a sua característica de terra de romari-

as e fervor religioso, os fiéis colocam fitinhas coloridas na cabeça no *boi*, principal figura da apresentação de *Reisado*, no momento da ressurreição deste (BARROSO, 2012, p. 73). A promessa pode ser feita a diferentes santos, como para São Francisco, como acontece no Canindé e em Juazeiro do Norte (BARROSO, 2012, p. 50), ou para os Santos Reis, caso tradicional do sudeste (CASTRO; COUTO, 1977, p. 7).

No Nordeste é a figura do *boi* (Figura 1) que caracteriza o *Reisado* como resultado de influência do cenário sertanejo nordestino que, no período colonial, tinha a economia baseada na pecuária. O *boi* se tornou personagem importante tanto no folguedo do *Bumba-meu-boi* como no do *Reisado*. Em vez de foliões e *palhaços* passarem em procissão pelas casas, levando o estandarte dos Reis Magos, no Nordeste, o *Reisado* apresenta a dança do *boi* e da *burri-nha*, dedicada ao dono da casa, dançada no estilo do xaxado e cantada pelos *caretas*. De acordo com Reinaldo Marques da Silva (2011), em Picos o costume constitui-se de um rito:

Primeiro é o *boi*, tem um rapaz que brinca o *boi*, aí nós vamos cantar aquele *boi*, e ele fica lá embaixo movimentando ele, quando termina aí a gente mata aquele *boi*, tira ele, aí vem a parte chamada partilha do *boi*, cortando o *boi* pedaço por pedaço e dando cada um a um dono. O tanto de pedaço daquele *boi* tem que dar certo, o pedaço do *boi* com o dono e vice-versa, o pedaço do *boi* rimando com o nome do dono. Isso depois da pega do *boi*, que ele vai ta la no chão morto já pronto pra partilha. (SILVA, 2011)

Figura 1 – *Reisado* dos Torrões apresentado em Alto de Canudos: o *boi*



Fonte: Arquivo pessoal de Patrícia Ibiapina

Esta encenação do *Reisado* coincide com a do *Bumba-meu-boi*, como registrada a ocorrência em grupo de Teresina, no qual ocorre o batismo, a caçada, a morte e a ressurreição do *boi*, atos cantados pelo mestre:

O *Bumba-meu-boi* é atravessado por rituais que estão diretamente ligados ao ciclo da vida. [...] Os grupos têm por tradição batizarem o *boi* no dia 23 de junho, véspera de São João. O batismo afiança a proteção e qualifica o animal e segue preceitos semelhantes àqueles realizados pelo catolicismo, há o

padre, a água benta, os ramos, o padrinho, a madrinha. [...] O ritual da morte do *boi* é o fim do ciclo da festa do *Bumba-meu-boi*. É a ocasião da despedida do *boi* junto a todos aqueles que deram suas contribuições em todas as fases. Vem após a ‘caçada’ do *boi*. A ‘caçada’ é no sábado, a morte é no domingo. O *boi* foge, é caçado e morto. [...] A morte vem seguida da ressurreição, possibilitando ao animal seu retorno para o ano seguinte, quando então renasce e recomeça novamente e assim sucessivamente. (PEDRAZANI, 2010, p. 144-152)

Os brincantes do *Reisado* de Picos Reinaldo Marques da Silva, Francisco Pio de Sousa, conhecido por *Chico Quinô*, Manoel Borges Feitosa, conhecido como *Bié* (Figura 2), Francisca Marques da Silva, Antônio João de Araújo, José Armínio da Luz, José Pereira das Chagas, conhecido como *seu Deca*, Vicente Moura de Oliveira e José Cícero de Barros, conhecido por *seu Creu* foram entrevistados como fonte de informação oral para esse Trabalho de Conclusão de Curso. Nas entrevistas, os participantes deixam evidente a paixão pela brincadeira. Os membros do grupo designam a manifestação cultural de “esporte”, classificação incomum comparado aos outros estudos lidos sobre *Reisado* no Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Minas Gerais. “Esporte”, caso do *Reisado* de Picos, ganha denominação referente a uma prática realizada com prazer, distração. Como registra José Armínio (2011): “O *Reisado* é um dos esportes que eu mais gosto, eu gosto de todos, mas o *Reisado*, é separado, é especial”.

Figura 2 – Os brincantes, Sr. Manoel Borges Feitosa, o *Bié*, Sr. Francisco Pio de Sousa, o *Chico Quinô*, e o Sr. Reinaldo Marques respectivamente, com as caretas na forma como são usadas durante a folia.



Fonte: Arquivo pessoal de Patrícia da Rocha Ibiapina

Os entrevistados informam que brincam *Reisado* não por dinheiro da comissão que ganham por apresentação, brincam por prazer, por gosto, e o dinheiro arrecadado pelo contratante da apresentação é utilizado para cobrir as despesas provenientes da realização do *Reisado*, entre elas as de transporte, renovação de tecido e enfeites das vestimentas e figuras, além do

músico. Nas décadas de 1950 e 1960, informou Reinaldo Marques da Silva (2011) em entrevista:

Os tirador de Reis só ganhava uma quarta de farinha, uma rapadura, pela brincadeira no terreiro do dono da casa, era só um agradinho... os homi andava a cavalo, muitas vez de pé, por léguas pra tirar um *Reisado*, e só ganhava isso... quer dizer, é porque gostava do que fazia, não ganhava nada, só a festa na casa da pessoa, comia, bebia depois do Reis e já ficava satisfeito, só amor ao esporte mesmo pra fazer isso. (...) hoje a gente cobra porque tem os gastos, né? Tem transporte pra levar as figuras, o sanfoneiro. Aí já tem que cobrar, a gente ganha uma mixariazinha ali, uns 30 conto, quer dizer, a gente não vai pelo dinheiro, né?

Para os praticantes do *Reisado* de Picos, esse folguedo é classificado como lazer. Os entrevistados deixam transparecer, nas entrevistas, a importância que tem para eles a continuidade desse folguedo dentro das comunidades e também para as respectivas vidas. O contato dos participantes com o *Reisado* iniciou quando eram crianças; viam os pais, parentes e adultos gritando aquelas cantigas e fazendo a platéia rir, principalmente as crianças. A admiração levou-os a fazer parte dos grupos que existiam na localidade. Formar um grupo, como fez José Pereira das Chagas, o *seu Deca*, pode derivar da admiração pelo *Reisado* de outra localidade, no caso, do povoado Saquinho. *Seu Deca* concebeu o grupo do povoado Samambaia nos moldes do que foi aprendido e convidou quatro amigos para formar o grupo. Pode-se afirmar, por isso, que o folguedo faz parte da cultura local: é expressão cultural de localidades como Torrões, Samambaia, Riachão, Pitombeiras, Bocolô, que, no conjunto, contribuem para formar a cultura popular de Picos. O historiador francês Roger Chartier, rejeita a dicotomia entre cultura erudita e popular, e defende uma noção abrangente de cultura pois afirma que é inviável distinguir o popular do erudito no plano sociocultural (*apud* VAINFAS, 1997, p. 153). Essa é a concepção adotada neste Trabalho de Conclusão de Curso, pois consideramos essa a direção proposta na perspectiva de Francisca Marques, integrante do *Reisado* de Torrões, para quem a relevância que o folguedo tem para sua região é a de maior expressão cultural do povoado Torrões, afirmando que o povoado tem nessa manifestação cultural o que de mais belo pode ser mostrado para a população externa. Transparece, na fala dos entrevistados, o orgulho que eles têm da brincadeira que realizam: *Seu Creu* afirmou, sobre a celebração do *Reisado* praticada no Bocolô, “É cultura, né?” (BARROS, 2012).

### 3 CELEBRAÇÕES DO *REISADO* NA MACRORREGIÃO DE PICOS

O *Reisado* estudado na macrorregião de Picos apresenta semelhanças próprias do folguedo estudado na região Nordeste, na comparação com Oswald Barroso (2012), Simone Silva (2011) e Theo Brandão (2012). A partir do registro das memórias dos participantes de *Reisados* em entrevistas realizadas com Reinaldo Marques da Silva (2011), Antônio João de Araújo (2011), José Armínio da Luz (2011), Francisca Marques da Silva (2012), Vicente Moura de Oliveira (2012), José Pereira das Chagas (2012) e José Cícero de Barros (2012) apontamos as especificidades do folguedo como reflexo das características da realidade social e cultural dos respectivos grupos.

Essa realidade é a de que os participantes dos grupos pesquisados residem na periferia da cidade: no caso de Torrões, trata-se de um povoado, do Município de Picos; e o de Riachão, um povoado da periferia do Município de Itainópolis. Os participantes de um grupo também podem residir em bairro afastado do centro da cidade, como é o caso do de Ipueiras.

Todos os grupos pesquisados para constituir as informações desse Trabalho de Conclusão de Curso fazem parte de um conjunto de Municípios que, para a Geografia econômica, recebem a designação de Macrorregião, conceito que passamos a utilizar para situar a descrição.

#### 3.1 Especificidades do folguedo na Macrorregião de Picos

*Verdes Anos Cinquenta*, de Renato Duarte (1991), contém um subtítulo que aborda o *Reisado* em Picos. Para esse autor picoense, o *Reisado* é a manifestação folclórica de maior expressão popular da região. As representações do folguedo se faziam à frente da casa visitada, tomando praticamente toda a rua com a população que assistia o evento, pois na época não havia tráfego intenso de veículos pela cidade. A família visitada pelo *Reisado* se responsabilizava por organizar a frente da casa para a apresentação, colocando cadeiras para seus convidados, e fazia uma doação para custear as despesas do grupo. Os espectadores que apareciam, sempre em boa quantidade, postavam-se em pé ou sentados no chão, formando um círculo em torno do grupo folclórico e dos donos da casa. A arena, que ficava no meio da platéia, servia para as evoluções dos brincantes e era chamada de terreiro. Segundo Renato Duarte (1995, p. 82), “o *Reisado* que se apresentava em Picos naquela época provinha da rua da Malva, onde moravam seus integrantes, e ocasionalmente se exibiam na cidade *Reisados* de localidades próximas, como Ipueiras, Riachão e Malva”. Não há, em *Verdes Anos Cinquenta*, menção

aos *Reisados* dos Torrões, do Bocolô e da Samambaia. O grupo do bairro Malva não foi localizado na pesquisa desse TCC.

O *Relatório: Pesquisa documental do patrimônio imaterial de Picos e cidades circunvizinhas*, datado de abril de 2007, foi elaborado pelos colaboradores do Museu Ozildo Albano em parceria com a Fundação Cultural do Piauí (FUNDAC), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Ministério da Cultura. O documento cataloga todas as manifestações culturais da cidade de Picos conhecidas na época daquela pesquisa e estão descritas no tópico C – Formas de expressão, como segue:

*Reisado* do Bairro Ipueiras - *Reisado de Damas* se caracteriza por: a cantiga da porta; o drama; a *burrinha* e o *boi*. Atualmente encontra-se em plena atividade. A comunidade é envolvida pela passagem das representações a partir da criatividade dos próprios personagens. A importância para a vida local está na preservação da manifestação cultural e se encontra preservada através da família Luz e com recursos da própria comunidade.

*Reisado* de Paulistana - Dança dramática popular que se festeja no Dia de Reis. Apresentada em 10 (dez) atos com os seguintes componentes: 12 pastoras, o *boi*, a *jandaia*, a *borboleta*, o *jaraguá*, a *caipora*, o *caboclo*, o *guriba*, a *burrinha*, o *cavalo-marinho*, a *cigana*, a *fera*, além do *médico*, o *urubu*, os *caretas*, o *palhaço*, o *cancan* e a *catirina*. Público alvo: a população da cidade. Preservação das comemorações da festa de Reis com início em 24 de dezembro encerrando em 06 de janeiro. A preservação desta manifestação cultural cabe à comunidade negra do bairro Correnteza.

O Relatório menciona o *Reisado* de Ipueiras, catalogado como ocorrendo dentro do perímetro urbano da cidade de Picos, e de acordo com a entrevista realizada com o último membro do *Reisado* de Ipueiras aquele grupo deixou a prática da brincadeira em 1998.

Pela descrição do Relatório sobre o *Reisado* de Paulistana pode-se perceber nele influência do *Reisado* típico do Sudeste, a exemplo da presença do *palhaço*, que é um personagem importante em *Reisados* do Rio de Janeiro (CASTRO e COUTO, 1977, p. 24) de Minas Gerais, de Goiás e de São Paulo. Podemos perceber também aspectos da tradição do *Bumba-meu-boi* piauiense, a exemplo da participação da personagem Catirina (PEDRAZANI, 2010, p. 140)

O *Reisado* de Ipueiras, dos participantes localizados para a realização das entrevistas, é o único que não faz mais apresentações. Apesar de desfalcados de membros, os grupos do Riachão, Pitombeiras e Bocolô não deixaram a prática desse que é chamado de esporte por participantes. O *Reisado* de Ipueiras apresenta-se peculiar entre os grupos picosenses, porque inclui a especificidade do *Reis de Damas*. Esta apresentação conta com os personagens *Lacau* e *Galante*, que não foram registrados em outro *Reisado* da macrorregião. As *damas* aparecem

como figura também no *Reisado* da Samambaia, no do Bocolô e no do Riachão. As figuras do *boi* e *burrinha* estão em todos os festejos dos grupos, inclusive no de Ipueiras. As figuras do *jaraguá*, do *velho* e da *velha* só não aparecem no *Reis de Damas* de Ipueiras. As figuras da *ema* e o *lobisomem* fazem parte da apresentação do grupo da Samambaia e do Bocolô. A figura do *cavalo* com cavaleiro é uma criação nova e está presente somente no *Reisado* do Bocolô. O quadro (Tabela 1) especifica o elenco de figuras que participam do *Reisado* nos grupos estudados:

	Ipueiras	Torrões	Samambaia	Riachão	Pitombeiras	Bocolô
Boi	X	X	X	X	X	X
Burrinha	X	X	X	X	X	X
Jaraguá		X	X		X	X
Velho			X	X	X	X
Velha		X	X	X	X	X
Lobisomem			X			X
Dama			X			X
Ema			X			X
Cavalo						X
Lacau	X					
Galante	X					

O *Reisado* de Picos tem características específicas e, dada a descrição bibliográfica apresentada por Oswald Barroso (2012, p. 73) sobre o tema, se enquadra na classificação de *Reisado* de *Caretas*. De acordo com essa descrição, os brincantes usam caretas durante todo o folguedo. No *Reisado* de *Caretas* os brincantes são reis que se disfarçam de vaqueiros e outros trabalhadores do ciclo do gado para enganar os inimigos, inserida essa caracterização no contexto bíblico dos Reis Magos. No *Reisado* de Picos, os participantes se apresentam como Reis Magos na cantiga da porta, que inicia a brincadeira, e seu papel no enredo é o mesmo dos heróis no folguedo do *Reis de Damas*, da Ipueiras. A chegada dos *caretas* na porta do *amo*, pedindo entrada para os Reis Magos que vieram do Oriente é parte do momento do *officium pastorum* e se refere ao evento do nascimento de Cristo e a chegada dos pastores à manjedoura, segundo Yara Moreyra (*apud* RIOS, 2006, p. 67).

### 3.2 Grupos de *Reisado* na Macrorregião de Picos

As práticas de *Reisado* na cidade de Picos são conhecidas por moradores mais velhos da cidade pelas visitas dos reis magos às residências dos vizinhos, dos parentes e as suas próprias casas. Os moradores se divertiam com a festividade e com os versos dos *caretas*. É, de fato, uma manifestação presente na memória de picoenses, dada sua força como evento comunitário no passado recente. O *Reisado* não está apenas na memória dos moradores mais velhos, pois existe nas localidades próximas ao centro do Município. Constatamos manifestações marcantes das brincadeiras de reis praticadas atualmente nos povoados Torrões, Riachão, Pitombeiras, Samambaia, Bocolô, e no bairro Ipueiras, neste até o ano 1998. Torrões pertence ao Município de Picos, localizado a sete quilômetros do centro da cidade, a noroeste, abrangendo mais especificamente as pequenas comunidades circundantes a esse povoado, como Boa Fé e Angical; ali moram boa parte dos integrantes do grupo de Torrões. O povoado Riachão é Município de Itainópolis, e fica distante dez quilômetros de Picos, seguindo pela BR-020, no sentido Picos – Itainópolis. O povoado Samambaia é Município de Picos e fica localizado logo na saída da cidade, na BR-407. O povoado Bocolô, também no Município de Picos, fica a seis quilômetros da zona urbana, no sentido de Santana. E o Bairro Ipueiras, a nordeste do centro de Picos, está localizado na extensão da PI-407 no sentido Picos – Sussuapara. Esse último *Reisado* era praticado desde a década de 1930 e ficou conhecido na região, tendo grande presença na cultura da cidade até 1998, quando o último grupo, com poucos integrantes, parou de atuar.

São comunidades com acesso apenas por estrada de terra, relativamente distantes do centro de Picos, e que refletem a paisagem rural nordestina, na qual o meio de sobrevivência econômica é a agropecuária em uma região que passa longos períodos de estiagem. Os animais que estão presentes como figuras na apresentação de *Reisado* – o *boi* e a *burra* – indicam esse contexto geográfico e econômico, além dos aspectos do cotidiano nordestino, que influenciam na estrutura da brincadeira.

O *Reisado* de Picos possui uma abrangência maior do que a do reconhecimento de sua existência pela população. O conhecimento sobre a existência de grupos que praticam *Reisado* é maior nas comunidades locais nas imediações da cidade, nos interiores rurais que chegam a treze ou quatorze quilômetros da área urbana, acessíveis também por estreitas estradas de terra e para chegar ao local de moradia dos participantes do *Reisado* e realizar entrevistas dependemos da ajuda de um guia, morador da região.

A informação da existência do *Reisado* dos Torrões veio do fato de sua apresentação no evento patrocinado pela Prefeitura Municipal de Picos na localidade Alto de Canudos, em 31 de maio de 2011 (Figura 3). Durante a pesquisa, entramos em contato com os brincantes e marcamos entrevista com o objetivo de conhecer a história deles sobre o *Reisado* de Picos, sobre a formação da brincadeira e sobre a composição do grupo. Foi conversando com os integrantes do grupo de *Reisado* de Torrões que soubemos da existência de grupos existentes na Samambaia, no Riachão, em Pitombeiras e no Bocolô. O registro do *Reisado* de Ipueiras veio do livro *Verdes Anos Cinquenta*, de Renato Duarte. O Museu Ozildo Albano, outra fonte de informação para localização do grupo de *Reisado* de Ipueiras, instruiu para a moradia do principal integrante deste grupo, José Armínio da Luz.

Os grupos de *Reisado* de Picos apresentam semelhanças entre si por se encontrarem em um mesmo contexto geográfico e econômico. Possuem também diferenças, que são notadas tanto na estrutura, como na própria história de cada um, que mostra características específicas mudando ao longo dos períodos de existência. O *Reisado* de Ipueiras se aproxima, no formato, do de Riachão, onde foi constatada a coincidência da letra do roteiro seguido pelos brincantes, ficando a pergunta acerca da forma de divulgação da tradição do *Reisado* de Picos. Por exemplo, integrantes do Riachão negam a dependência do *Reisado* de Ipueiras, e integrantes mais antigos deste, como o senhor Antônio João de Araújo, de 83 anos, dizem ser o *Reisado* de Ipueiras genuíno na cidade de Picos, sendo de inspiração baiana.

Figura 3 – *Reisado* dos Torrões apresentado em Alto de Canudos: a chegada



Fonte: Arquivo pessoal de Patrícia Ibiapina

Diferenças não existem apenas quando feita comparação de manifestações culturais existentes em Municípios ou Estados diferentes. O pluralismo de formato das apresentações existe até mesmo dentro de um mesmo Município.

Segundo os conhecedores da brincadeira de *Reis* em Ipueiras, especificamente a partir dos depoimentos de Antônio João de Araújo e José Armínio da Luz, a tradição do *Reisado* chegou nessa região por intermédio de um dos fundadores do bairro, o Capitão Filipe de Araújo Rocha, patriarca da família Araújo. Por volta do ano de 1920 – segundo o neto Antônio João que narra segundo memórias dos seus familiares porque não chegou a conhecer o avô – o Capitão trouxe a brincadeira da Bahia. Esse capitão gostava de viajar e apreciava a cultura dos lugares por onde passava. Aprendeu a brincadeira feita na Bahia e a ensinou aos amigos e filhos em Ipueiras.

A apresentação ou prática do folguedo nessa tradição do *Reisado* de Ipueiras é formada pela divisão em *Reis de Palha*<sup>3</sup> e *Reis de Damas*. *Reis de Palha* é a estruturação típica notada no outros *Reisados* da macrorregião de Picos, com quatro *caretas* que lideram a brincadeira e a participação de figuras, como o *boi*, a *burrinha*, o *jaraguá*, o *velho* e a *velha*, sendo esse o conjunto mais frequente. O grupo do *Reis de Damas*, apresenta as figuras dos *caretas*, o *boi*, a *burrinha* e o *lacau* – este explicado como representando a figura de soldado que atua com ar de superioridade e autoridade, chamado *lacrau* no *Reisado* do Riachão – o primeiro e o segundo *galante*, e as personagens que denominam essa variação, as *damas*. Essas *damas* são representadas por meninos ou por homens mais novos do grupo, vestidos de mulher. Essa representação de gêneros gera o humor na apresentação.

A apresentação do formato *Reis de Damas* é apreciado pelos moradores de Ipueiras e preferido na comparação com o *Reis de Palha* por todos aqueles entrevistados, que expressam a preferência sem tirar a atribuição de beleza desse último mas, pela descrição, deixa transparecer nas entrevistas, um carinho maior pelo primeiro. Segundo Antônio João, nascido em 1927, o *Reis de Palhas* fazia parte de suas brincadeiras de criança, seu relato reporta às práticas nas décadas de 1930 e 1940, época de sua infância.

Comecei menino [aos oito anos]. Sabia nem falar direito. Quando eu comecei a brincar isso... *Reis de Paia*. Mas diferenciava o tipo do reis. Se era de paia, significava dizer que era brincar, assim... de uma maneira desastrosa, feia. Sem conhecimento de nada...era de paia. Comecei a brincar pela primeira vez no *Reis de Paia* chamado. Eu tinha mais ou menos uns oito anos. Era menino. Era só menino. Aonde eu brinquei, me lembra como se fosse hoje a casa onde tirei o *Reis de Paia*, juntou uns meninos. Tinha as pessoas maiores, mas tinha a meninada. (ARAÚJO, 2011)

A expressão *de paia*, que o entrevistado explica ser “desastroso”, “sem conhecimento de nada”, refere à qualidade das cantigas dos brincantes, sem rima, sem poesia. Antônio João de

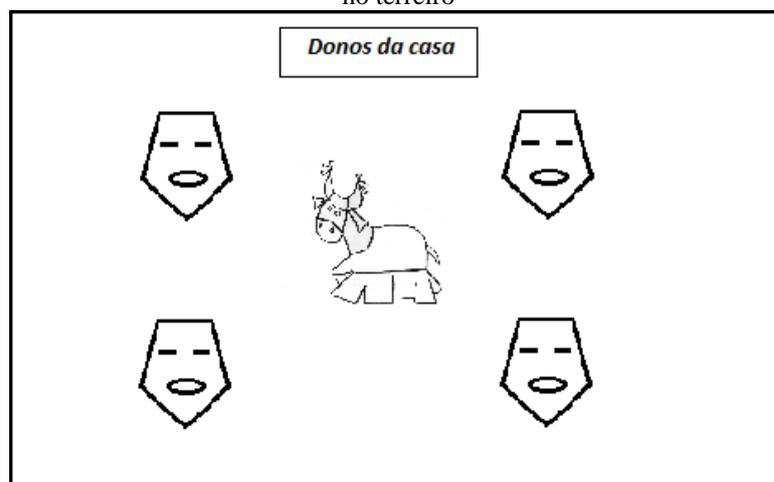
<sup>3</sup> *Paia*, de Palha é gíria local para expressar desvalorização, inutilidade.

Araújo indica essa qualidade pela classificação de idade dos integrantes, pois o *Reis de Palha* é apresentado por crianças e o *Reis de Damas* representado pelos adultos, indicando a falta de qualidade no festejo das crianças pelo fato de não possuírem o dom de fazer uma cantiga elaborada. Essa diferenciação não é confirmada pelo entrevistado José Armínio da Luz, integrante desde 1970 do *Reisado* da localidade de Ipueiras, e ao mesmo tempo, o membro mais recente do grupo. Perguntado se o *Reis de Palha* era uma brincadeira para crianças, ele respondeu:

Eu não concordo com isso. Que é pra criança. Porque eu acho que o *Reis de Palha* é uma brincadeira muito boa. É instrutiva, o pessoal ri quando chega o *lobisomem*, o *jaraguá*, quando chega a *velha do fogo*, eles tem tudo isso, né? Os próprios *caretas* enfeitam, como o nosso aqui, com uma cantiga, com uma apresentação. (LUZ, 2011)

José Armínio da Luz compartilha essa idéia com outros praticantes de *Reisado* e conhecedores da tradição dos folguedos na região de Picos. A brincadeira de *Reis de Palha* constitui o próprio conteúdo do *Reisado* dos Torrões, da Pitombeira, do Bocolô e também da Samambaia. Segundo José Armínio da Luz a apresentação do *Reis de Palha* tem um teor jocoso: é comandada por quatro *caretas*, dois de frente e dois de trás que cantam repentes com o objetivo de arrancar sorrisos do público, conta com a presença de figuras como a *burrinha*, o *jaraguá*, a *ema* e o *lobisomem*, que dançam no meio dos *caretas* e brincam com os telespectadores ao som da sanfona e das cantigas dos *caretas*. Para explicar o posicionamento dos componentes da apresentação, elaboramos a figura 4 que retrata o momento da dança de uma figura.

Figura 4 – Posicionamento dos *caretas* e figura apresentada no terreiro



Com relação aos personagens, o *Reis de Damas* é a brincadeira que conta com a primeira e segunda *damas*, o *lacau*, o primeiro e segundo *galante*: são figuras uniformizadas, carac-

terizando personagens humanos que compõem um drama que é parte da apresentação de *Reisado*. O *Reisado* inicia com as cantigas da porta, seguidas pelos elogios ao dono da casa e tem a forma de uma narrativa teatral. Dois ou três *caretas*, todos usando máscara, bastão, paletó escuro, e, quando possível, gravata, um pano amarrado na cabeça para cobrir a nuca, complementando a fantasia da máscara; faz parte do conjunto a calça de linho e o sapato social. O *lacaú* deve representar figura de tenente ou soldado, tem gorro na cabeça e porta espada na cintura. O Primeiro e o segundo *galante* usam ternos brancos com ombreiras de fitas; a calça deve ser branca com uma fita vermelha pendente nas laterais. As *damas* vestem em branco um vestido longo, e adornos femininos para tornar o mais excêntrico e animado possível essas figuras que são representadas por homens.

Os *caretas* são os principais personagens da apresentação de *Reisado*, levam esse nome pela máscara peculiar que os partícipes devem usar acima do rosto, como mostrado na Figura 5. A máscara deve dar um aspecto de cara feia para o personagem.

Figura 5 – Máscaras de *caretas* dos Torrões ladeando a figura *burrinha*



Fonte: Arquivo pessoal de Patrícia da Rocha Ibiapina

A segunda parte da apresentação do *Reis de Damas* é formado por uma narrativa cantada em Repente, com o objetivo de encantar o público e também o de fazer rir. Segue-se, no festejo, a cantiga da porta, introdução comum nas ramificações tradicionais de *Reisado* dos grupos entrevistados.

No roteiro de apresentação de autoria de José Armínio Luz, o *Reisado* de Ipueiras conta com uma ou duas estrofes de introdução, marcando a entrada do grupo no pátio visitado. Em seguida são tecidos elogios aos donos da casa, com o enunciado de repentes. Os versos atentam para características peculiares dos membros da família que reside na casa, suas qualidades ou até aspectos cômicos, que causem risos no público. Os versos são formulados de uma

forma que agrade a família que solicitou – ou contratou – a visita do grupo de *Reisado*, seja pelo aspecto lisonjeiro, seja pela graça das estrofes. Os *caretas* são os personagens responsáveis pelos repentes elogiosos. Eles pesquisam para saber antecipadamente o nome das pessoas que moram na casa, para construir as rimas com os elogios para esses nomes. Essa preparação torna a brincadeira um jogo de habilidade com as palavras cantadas que são ritmadas pela batida do instrumento musical – a sanfona –. A característica da formulação de rimas é que dá à apresentação a qualidade de Repente.

Depois da cena com os elogios aos donos da casa, é apresentado o drama. Este se constitui da narrativa enunciada também com base em Repentes. Ocorre uma movimentação teatral dos personagens acompanhando o Repente com entradas e saídas de cena dos personagens, algumas mais empolgantes pela dramaticidade. No início é narrado o embate entre o *lacau* e os *caretas*. O *lacau*, figura séria e representante da ordem, aproxima-se dos *caretas* e enuncia:

Eu não temo a valente,  
Nem que ele seja Sansão  
Pois eu sou um pensamento  
Mas, senhores eu não vejo  
E avanço como leão  
Quem me faça oposição  
Porque quem vier contra a mim  
Sou pior do que o trovão  
Sou um raio, sou um corisco  
Sou um brasilista. (LUZ, 1988, p. 2)

Brasilista é termo dessa cantiga do folclore popular e, segundo Câmara Cascudo (2002, p. 330), “na classificação dos fenômenos folclóricos, a linguagem é uma forma de expressão oral que incorpora regionalismos, frases feitas, poesia, parlendas (trava-línguas) e outras manifestações.” Os versos do Repente cantado são interrompidos por falas do diálogo entre o *lacau* e a primeira *dama*.

No registro da entrevista de Antônio João de Araújo, essa cena é a mais antiga na estruturação do *Reisado* da cidade de Picos. Ele relembra a participação no grupo da Ipueiras nas décadas de 1940 a 1960, e naquela prática os participantes chegavam de jumento na casa do solicitante do *Reisado*, que fazia o pedido da apresentação por recado marcando a data do festejo em sua casa. As solicitações de visita vinham até mesmo de Santa Cruz, distante 95 quilômetros de Picos, ou de Sussuapara e Bocaina, por exemplo.

O *Reisado* de Ipueiras não faz mais apresentações desde 1998. José Armínio da Luz liderou o grupo de Ipueiras a partir de 1970. Reativou o grupo promovendo serestas para arre-

cadar dinheiro com o qual puderam remontar as figuras e as indumentárias do grupo. Como o grupo depende de um líder, com a saída de José Armínio da Luz, em 1998, as atividades foram interrompidas. Segundo José Armínio da Luz, o *Reisado* de Ipueiras acabou porque “um bocado [dos participantes] já morreu. Os mais novo não querem. E outra, pela parte do financeiro. Pra segurar um *Reisado* desse, o nosso reis é muito caro. A gente precisaria de um apoio, um incentivo. Se não tiver um incentivo, não funciona” (LUZ, 2011).

O grupo de *Reisado* da Samambaia continuou a tradição *Reisado* do povoado Saquinho, localizado na Sussuapara, Município a quatorze quilômetros de Picos. Um admirador da brincadeira, José Pereira das Chagas, o *seu Deca*, adquiriu as fantasias, equipamentos, carcaças das figuras do *boi*, *burrinha* e *jaraguá*, que estavam em péssimo estado de conservação quando o grupo de *Reisado* do Saquinho se extinguiu, em 1970. Nesse caso, os membros do grupo passaram à atividade de tocadores de viola. *Seu Deca* renovou as figuras colocando novos revestimentos, fitas e panos coloridos nas fantasias e levou-as para a Samambaia, formando ali um grupo de seis componentes. São quatro *caretas*, *Seu Deca* e João Erismar de Lima Pereira, o *João Miúdo*, representam os *caretas* de frente. Francisco Pereira das Chagas, Francisco Erismar de Lima Pereira, o *Mazin*, completam o quadro de *caretas*. Um desses também representa outras figuras da cena, desfalcando o quarteto em determinados momentos da apresentação. Outro componente que brinca as figuras é José Erivaldo de Lima Pereira, o *Dedé*, que é também o tocador de sanfona. Os *Reisados* de Torrões e o do Riachão, que não tem um sanfoneiro fixo, estipulam preços e disponibilidades dos sanfoneiros das suas regiões, chegando a contratar tecladista na falta de um sanfoneiro.

Os integrantes do *Reisado* dos Torrões são: Luís Pereira, 70 anos, o mais idoso do grupo e Reinaldo Marques, que brincam como *caretas* da frente; os *caretas* de trás são Francisco Pio de Sousa, o *Chico Quinô*, e Manoel Borges Feitosa, o *Bié*, que podem também substituir algum dos *caretas* da frente. A figura da *burrinha* é representada por Francisca Marques da Silva; o *boi* é apresentado por Luís Felix de Lima. O movimento dado ao *boi* exige que o brincante atue em uma posição de meia-cócoras.

Os *Reisados* de Riachão, Pitombeiras e Bocolô, não contam com participantes fixos<sup>4</sup>. Em Pitombeiras atuam os *caretas* Francisco Manoel Borges e Francisco Serafim, respectivamente *Chico Buriti* e *Chico Serafim*, que organizam a apresentação e convidam os participantes dos *Reisados* de Torrões e Riachão para realizar a brincadeira, completando o grupo. Na

<sup>4</sup> Em janeiro de 2012, por exemplo, foi realizado, no bar e ambiente de festas de Assis de Carmo, localizado no Bairro Junco, um *Reisado* dos brincantes do Riachão com participação de Manoel Borges Feitosa, o *Bié*, *careta* dos Torrões, e José Felipe, *ex-careta*.

prática do *Reisado* em Riachão, José Eli Borges Feitosa, que é irmão de *Bié*, pode atuar em uma mesma apresentação como *careta*, a *burrinha*, a *velha* ou outra figura, quando o grupo está desfalcado. Há também, no Riachão, os *caretas* Vicente Moura de Oliveira e Francisco Oliveira Borges, o *Maribondo*.

O *Reisado* do Riachão teve atuação frequente entre as décadas de 1950 e 1990; entre os antigos componentes participou Manoel Dias, falecido em 1995 e lembrado como um dos maiores *caretas* da região, admirado pelos repentes que cantava nas apresentações (OLIVEIRA, 2012). Esse grupo parou de atuar quando perdeu o líder, seguida pela desistência de José Felipe, outro *careta* de renome do grupo.

O *Reisado* do Bocolô tem formação recente, do início da década de 1990. Apreciadores dos repentes, das boiadas e dos costumes populares da região – que inclui a tradição do *Reisado* – ensaiaram trovas e toadas próprias do enredo que conheciam das localidades de Alegre e de Barro, povoados pertencentes ao Município de Santana, que fica a dezoito quilômetros de Picos, e Carnaíbas e Queimada da Ema, povoados do município de Picos. Nessas localidades moram praticantes e ex-praticantes de *Reisado*. Dessas brincadeiras de Repentes e da imitação do *Reisado*, surgiu um grupo: armaram a estrutura do *boi*, da *burrinha* e do *jaraguá*, fizeram as máscaras com ajuda das esposas e passaram a, na expressão dos brincantes, *tirar Reisado* quando convidados (BARROS, 2012). O grupo é formado por seis componentes: dois *caretas* e quatro brincantes que se revezam na representação das figuras que dançam no folguedo. José Cícero de Barros, *Seu Creu*, não especifica seu papel dentro do grupo e afirma que pode representar qualquer figura e também cantar como *careta*. José Rocha e Adelmir Abel Gomes brincam como *caretas*; Raimundo Teixeira, representa as figuras da *burrinha*, do *velho* e do *cavalo*. João da Cruz representa o *boi* e faz o papel do soldado. Os participantes Paulo e Nonato moram em outras regiões e vem ao Bocolô organizar um *Reis*, brincando de *burrinha* e demonstrando paixão pelo folguedo. O *Reisado* do Bocolô se desmembrou depois da morte do sanfoneiro do grupo, em 2007. O grupo ficou sem músico e José Rocha e Raimundo Teixeira passaram para a atividade de repentistas no Novo Paquetá, povoado da Sussuapara.

Depois de 2007, o grupo de *Reisado* do Bocolô fez apenas as apresentações em Queimada da Ema, em 2011, e outra em janeiro de 2012, patrocinada por políticos. Neste *Reisado*, *seu Creu* convidou companheiros das Carnaíbas, como Francisco Sebastião, o *Tico Bastião* e Sebastião, os tocadores Valdemar, de Oeiras, e Zizi. As figuras para a apresentação foram confeccionadas em madeira pelo artista picoense Joaquim Jacó. O sucesso da apresentação

criou expectativa nos participantes quanto à formação de um grupo novo, completo, com novas figuras e tocador de sanfona participando.

Relativamente ao custo da realização do folguedo, os entrevistados registram que as décadas de maior presença do *Reisado* na cidade de Picos foram as de 1950 a 1970. Na década de 1980 diminuiu a frequência de apresentações por falta de contratações pelos donos das casas. Na década de 1990 a brincadeira ocorreu raramente, pela perda de integrantes e também por ser desconhecida entre os jovens. As apresentações, atualmente, ocorrem somente em eventos culturais, patrocinados por órgãos públicos ou nos povoados da zona rural, onde ainda é conhecido e apreciado. A falta de contratações para apresentações, de acordo com os entrevistados, deve-se ao custo do *Reisado*, em transporte e reforma das figuras. Um *Reisado* custa cerca de R\$ 300,00 por contratação de folguedo, pois é necessário pagar as despesas de transporte, sanfoneiro contratado por apresentação. O que resta do valor contratado, o grupo divide entre os participantes:

Fomos fazer um *Reisado* em Angico Branco, em que a gente cobrou 320 em uma apresentação e o sanfoneiro cobrou 150, a metade, e isso ainda pra pagar carro, os participantes. E o tanto que sobra pra ainda ir dividir com outros. Nós não brinca pra ganhar dinheiro pra nós, é porque nós gostamos do esporte mesmo. Não é nada financeiro, é pelo gosto, é como te falei, comecei a brincar isso quando era criança. É um vício que o cara tem. Igual tomador de café, É um vício né? No dia que marca um *Reisado* eu tomo aquilo como uma coisa que... Enquanto não chega aquela data eu não aqueto... O dinheiro que a gente ganha é uma micharia. A gente passa uma noite todinha brincando, vai brincar daqui a dois quilômetros, pra o cara ganhar trinta contos, compensa? O negócio é o esporte. (MARQUES, 2011)

Segundo *seu Deca* (2012), do *Reisado* da Samambaia, o custo para realizar um *Reisado* é de cerca de R\$ 500,00 quando o solicitante disponibiliza o transporte para os participantes e as figuras. O custo é de R\$ 600,00 quando o próprio grupo paga o transporte. Também *seu Deca* (2012) afirma que não se importa com o dinheiro ganho, pois pratica a brincadeira por prazer, mas que é necessário cobrir os custos da apresentação, que incluem transporte, e dar uma ajuda aos companheiros. O patrocínio do *Reisado*, por isso, tem sido realizado com verba pública:

Aí a pessoa não pode pagar, aí eu não brinco muito, porque nem todo mundo pode pagar, né? Aí eu brinco pra o prefeito [de Geminiano], ele manda buscar e manda deixar, é quem paga mais ou menos, né? Aí eu brinco! Brinquei muitas vezes foi ali num quiosquinho... Ele faz, ele manda arrumar o local aí paga o reis, aí é bom pra mim, né? Porque quando termina eu pago os companheiro tudo. Olha, eu brinquei pra o prefeito ali vizinho a Santana, vieram me pegar aqui para fazer um reis também ali na Lagoa Salgada (CHAGAS, 2012)

O grupo da Samambaia se apresenta em escolas do Município de Geminiano, em feirinhas culturais (Figura 6), para atender chamados de Prefeituras em eventos culturais.

Figura 6 – *Reisado* da Samambaia apresentado em feira cultural



Fonte: Arquivo pessoal de José Pereira das Chagas

A estratégia adotada pelos grupos de *Reisado* para diminuir os gastos envolvidos em uma apresentação de *Reisado* possibilitando a chamada do grupo pelo dono da casa ou pessoa que está pagando a promessa foi a mudança para a “espetacularização” (PEDRAZANI, 2010, p.189) do folguedo. A apresentação do *Reisado* saiu das portas das casas – as aglomerações de gente formando o terreiro de apresentação em frente às casas – e migrou para os clubes, tornados recintos de festas. A festa que era externa, de rua, tornou-se espetáculo de ambiente interno, e as apresentações cobram uma portaria, com venda de ingressos para o evento. Em 2012, o preço dos bilhetes de ingresso variou de três a sete reais e o resultado da venda interna de comidas e bebidas contribuiu para pagamento do custo da apresentação. A apresentação de *Reisado* pode, em ocasiões determinadas, ser seguida por uma festa de forró animada por som de teclado ou sanfona.

Para Reinaldo Marques, *careta* dos Torrões, essa estratégia, chamada de espetacularização por estudiosos do tema, é uma forma de arrecadar fundos para cobrir todas as despesas geradas pela apresentação, por ficar caro para uma só família custear o festejo. O grupo de Torrões ainda não realizou apresentação de *Reisado* com adoção de portaria; o último festejo se realizou “lá no Angico Branco, um cara levantou o bingo de um carneiro, pagou *Reisado*, sobrou dinheiro, pagou o carneiro” (SILVA, 2011). Segundo o líder do grupo, essa é uma prática recente, usada desde dois anos atrás; adotada para manter a existência do *Reisado* em Picos. Essa prática não foi incorporada pelo *Reisado* de Ipueiras, que existiu até 1998. Reinaldo Marques (2011) concluiu o relato sobre o tema do custo do folguedo afirmando: “a próxima [festa] que fizermos, vai ser com portaria, é bem melhor”.

*Seu Deca*, careta da Samambaia, tem opinião diferente: não aprova a estratégia da portaria para pagar os gastos do *Reisado*. A última solicitação do folguedo feita para *Seu Deca* não foi aceita porque era com portaria, sendo em seguida aceita pelo grupo do Riachão, que foi a realizada em janeiro de 2012 em um bar/clubê do Junco. Segundo *seu Deca*, a arrecadação com portaria não garante que os custos sejam cobertos ao final da brincadeira e da festa. A portaria pode não ser suficiente para que o grupo pague o transporte e os gastos implicados e, sem ter a certeza da arrecadação, ele prefere não participar. Para Francisca Marques da Silva (2012), do *Reisado* de Torrões, os pagantes vão ao evento pelo forró, não só para assistir a realização do folguedo.

Os *Reisados* do Riachão e da Pitombeira, em 2012, fizeram a brincadeira somente com portaria; essa era a garantia da arrecadação para as despesas, ao contrário do que pensa *seu Deca*. A estratégia da cobrança de ingresso foi usada primeiro pelo grupo da Pitombeira em 2010, quando o solicitante do *Reisado* realizou um bingo de um carneiro, colocou um bar dentro de um Clube, nos Torrões, e a atração do evento era o *Reisado*. O resultado, em termos de receita, foi satisfatório para o grupo, que passou a ver essa como uma forma para aumentar a frequência de apresentações e ter o custo de manutenção das figuras, de presença de músico e de pagamento de transporte garantido, demonstrando a criação de estratégias criativas locais para a manutenção de práticas culturais, como a do *Reisado*.

## CONCLUSÃO

Na fase final desse Trabalho de Conclusão de Curso, apresentamos ao leitor a relevância desse estudo para a reflexão sobre o sentido que a cultura manifestada em uma localidade tem para ela. O registro dessa manifestação cultural precisa ser feito, pois apesar de não ser um Patrimônio imaterial reconhecido, seu estudo é um passo importante para isso.

O registro do *Reisado* como Patrimônio Imaterial da sociedade é uma questão que merece destaque, vimos no presente trabalho as políticas públicas responsáveis pelo registro Patrimônio Cultural, os Decretos que orientam a formalização do registro do Patrimônio Imaterial no livro dos *Saberes, Celebrações, Formas de expressão e Lugares*. No caso do *Reisado*, falta força na realização de projetos políticos que acelerem o registro dessa manifestação cultural no livro das *Formas de expressão*.

Instituições como o IPHAN, lutam pela concretização da inserção de todas as manifestações culturais como Patrimônio Cultural da Humanidade, por isso existem projetos nacionais espalhados pelas localidades que fazem um levantamento da cultura local dos Municípios, como em Picos. Para a informação de qualidade a ser repassado para um órgão engajado em reconhecer o valor do Patrimônio Cultural, é preciso o conhecimento verídico e detalhado da cultura da região.

Existe uma leva de estudos sobre essa manifestação cultural no âmbito acadêmico distribuído pelo Brasil. Nesses estudos, o *Reisado* ganha outros nomes, como *Folia de Reis, Terno de Reis* e *Janeiras*, assim como adota outras formações e estruturas. Em cada lugar no qual se manifesta reflete aspectos da realidade e do cotidiano daquele lugar, estando presente em todos os Estados brasileiros.

Vimos que a *Folia de Reis* dos Estados do Sudeste e Centro-Oeste possui características marcantes como a bandeira de Reis levada em procissão de casa em casa, e o *palhaço*, que usa máscara e em alguns lugares toma aspectos de ladrão. No *Reisado* de Picos são marcantes os personagens principais que são os *caretas*, que se assemelham com o *palhaço*, também usando máscaras, e figuras como o *boi* e a *burrinha*, que dançam em torno do *caretas*. Em todos os casos estudados para esse TCC, vimos a presença marcante do catolicismo popular, como a característica da promessa, em que a apresentação do *Reisado* é realizado como pagamento de uma promessa.

Em alguns ganha visibilidade acadêmica, com estudos que variam por campos como a Música, a Dança, a Comunicação, a Sociologia e outros que não foram abordados nesse traba-

lho e ficam como sugestão para trabalhos futuros, como Gênero, pela participação da mulher em muitos grupos de *Reisado*, inclusive no grupo do povoado Torrões, em Picos. A Pedagogia, a partir do estudo da utilização da letra dos Repentes como material didático nas escolas, e atenção repassada para os estudantes sobre o valor da cultura quando há alguma apresentação de *Reisado* na escola, como as apresentações do grupo da Samambaia no Município de Geminiano.

Por isso a importância de trabalhos como este TCC, para apresentar a todos os olhos as representações das manifestações culturais dentro de uma sociedade, que em muitos casos nem são conhecidas pelas instituições responsáveis pela sua preservação e divulgação para a comunidade em geral, ou não são conhecidas detalhadamente.

O folgado, como caracterização de cultura, tradição de um grupo social, é objeto de estudo do Historiador, é alternativa para análise e compreensão da comunidade na qual ele é representado, o grupo de pessoas manifesta suas representações a partir das práticas culturais que estão presentes em seu cotidiano. O trabalho do Historiador está em compreender o quadro social, a partir de memórias, tradições e representações, levando em conta seu principal objeto: o homem.

Observamos no caso do *Reisado* do Município de Picos, a representatividade que o folgado em questão tem na vida de quem o pratica, pessoas com uma faixa de idade acima dos 45 anos, que declaram amor por uma manifestação cultural, considerada por eles esporte, brincadeira e lazer. Notamos no participantes entrevistados uma considerável disponibilidade em conversar conosco, o que reafirma o prazer dos brincantes pelo folgado.

A prática de *Reisado* realizada pelos principais representantes picoenses não objetiva lucratividade, o valor cobrado nas apresentações é utilizado para cobrir os gastos que a realização da brincadeira proporciona, como transporte, instrumentista e manutenção das figuras e enfeites das vestimentas. Praticantes que aprenderam a cantar Repentes observando dos pais e mais velhos, carregam no verso a capacidade de alegrar uma platéia, e alguns, apesar da idade avançada, não deixam de pular, dançar e cantar em um terreiro por aproximadamente duas horas, e, suados, saem ao final felizes por mais uma apresentação realizada. Temem o fim do folgado. Por perceber que os praticantes mais velhos morreram e não há interesse dos mais novos em dar continuidade à tradição. Alguns grupos de *Reisado* encontram-se desfalcados por falta de novos integrante, como o Riachão e da Pitombeiras, e a estratégia adotada pelos praticantes é a realização de apresentações unindo membros de grupos diferentes, que são amigos, parentes. Membros dos grupos do Riachão, Pitombeiras e Torrões combinam apre-

sentações em clubes e em casas, misturando as estruturas de *Reisado* de cada localidade e enriquecendo a apresentação.

A espetacularização foi uma forma que os praticantes de *Reisado* encontraram para cobrir os gastos que a apresentação proporciona. Percebemos a transferência do *Reisado* de Picos nos últimos anos da perspectiva religiosa para o sentido espetacular. Saiu dos terreiros das casas para os clubes com cobrança de portaria. Isso se explica pela dificuldade dos contratantes do *Reisado*, que o fazia para pagar uma promessa, em não poder arcar as despesas da apresentação na própria casa.

Podemos perceber estudando o *Reisado* na Macrorregião de Picos que esse folguedo ganha peculiaridades entre grupos diferentes dentro de uma mesma localidade. Em Picos há a classificação do *Reisado de Damas*, praticado até 1999 no bairro Ipueiras. O grupo de Ipueiras foi o único das manifestações do folguedo que praticou essa modalidade de *Reisado*, cuja diferença do *Reisado de Caretas* consiste na composição de um drama em que atuam um *Galante*, um *Lacau* e uma *Dama*, juntamente com os *caretas*, além da presença do *boi* e da *burrinha*.

O *Reisado* não é a única manifestação cultural de Picos que necessita ser conhecida com maiores detalhes. Está presente na Macrorregião de Picos exemplos de cultura como o *Bumba-meu-boi*, o *São Gonçalo*, as tradições juninas, a *Leiseira*, a *Capoeira*. Culturas que não são conhecidas por boa parte da população ou conhecidas apenas de nome. Sugiro aos novos pesquisadores da área de História da cidade de Picos, a iniciativa em trabalhar com essas manifestações culturais que representam a cidade de Picos e sua população. Compreender a cultura de uma localidade é uma forma de compreender a perspectiva histórica do povo que mora nessa cidade.

## REFERÊNCIAS

### 1 Referências bibliográficas

ANDRADE, W. L.; NOGUEIRA, W. S.; SILVA, L.V. **Entre o Sagrado e o Profano**: a questão da folia de reis em Quirinópolis. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligioao/pdf/st8/Andrade,%20Wesley%20Lima%20de.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento**: Bois e Reisados de Caretas. Disponível em: <<http://www.oswaldbarroso.com.br/arquivos/orisobrincante.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**: a circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7 letras; Iphan/CNFCP, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A folia de reis de Mossâmedes**. Cadernos de Folclore n. 16. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Théo. **Autos e folguedos natalinos de Alagoas**: o Reisado. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/dezembro61/especial19.asp>>. Acesso em 17 mar. 2012.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 4 ago. 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D3551.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm)>. Acesso em 15 abr. 2012.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CALDEIRA, Solange Pimentel. A religiosidade na dança: entre o sagrado e o profano. **Revista História em Reflexão**, Dourados, vol. 2, n. 4, jul/dez. 2008. Disponível em: <[www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/.../284](http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/.../284)>. Acesso em: 15 abr. 2012.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. Belo Horizonte: Editora Global, 2005.

CASTRO, Zaíde Maciel de e COUTO, Aracy do Prado. Folia de Reis. **Cadernos de Folclore** n. 16. Rio de Janeiro, Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, p. 1-22, 1977.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

DUARTE, Renato. **Picos**: os verdes anos cinquenta. 2. ed. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

IPHAN. **Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois**. A trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

NUNES, Maria Cecília S. de A. Revisitando a cultura popular no Piauí: marcas do passado nas manifestações do presente. In: SANTANA, R. N. Monteiro (Org.). **Apontamentos para a História Cultural do Piauí**. FUNDAPI: Teresina, 2003.

PAULINO, Rogério Lopes da Silva. **As máscaras dos palhaços da folia de reis**: imagens e ações do mal no catolicismo popular brasileiro. Disponível em: <[http://www.proibido.org/wp-content/uploads/2011/12/Rogério-Paulino\\_As-Mascaras-dos-Palhacos.pdf](http://www.proibido.org/wp-content/uploads/2011/12/Rogério-Paulino_As-Mascaras-dos-Palhacos.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2012.

PEDRAZANI, Viviane. **No “miolo da festa”**: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí. 2010. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

PERGO, Vera Lucia. **Os rituais na folia de reis**: uma das festas populares brasileiras. Dispo-

nível em: <[http://200.189.113.123/diaadia/artigos\\_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/3\\_rituais\\_folia\\_reis.pdf](http://200.189.113.123/diaadia/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/3_rituais_folia_reis.pdf)>. Acesso em: 11 mar. 2012.

RAMOS, Eliana Maria de Queiroz. Folkcomunicação e desenvolvimento local: folia do pangu em Bezerros (PE), turismo cultural, hibridismo e aproximações com o reisado cearense. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 26, n. 2, p. 265-283, jul/dez. 2011. Disponível em: <[http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/8o\\_artigo\\_-\\_folkcomunicacao\\_-\\_queiroz\\_eliانا\\_maria\\_.pdf](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/8o_artigo_-_folkcomunicacao_-_queiroz_eliانا_maria_.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2012.

RIOS, Sebastião. Cantos da festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 65-76, jan/jun. 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70390105.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. A temporalidade diacrônica como categoria no estudo das culturas contemporâneas. **Pensamento Plural**, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 60-77, jul/dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/isp/ppgcs/pensamento-plural/edicoes/09/762711.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa: (re)significações simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha – CE (1960-1970)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SOUZA FILHO, José Anastácio de. Folia de reis em Iporá, um estudo sobre tradição, memória e adaptação social como forma de resistência. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/UnU Iporá**, v. 1, n. 1, p. 39-51, jan/jul 2012.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. Folia de Reis: comunidades responsáveis por uma nova organização social. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26 Anais, São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300454883\\_ARQUIVO\\_ANPUH2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300454883_ARQUIVO_ANPUH2011.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2012.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREMURA, Welson Alves. **A música caipira e o verso sagrado na folia de reis**. Disponível em: <<http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.). **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 2011.

## **2 Referências orais**

ARAÚJO, Antônio João de. **Entrevista concedida à Patrícia da Rocha Ibiapina**. Picos (PI), 26 jul. 2011.

BARROS, José Cícero de. **Entrevista concedida à Patrícia da Rocha Ibiapina**. Picos (PI), 6 maio 2012.

CHAGAS, José Pereira das. **Entrevista concedida à Patrícia da Rocha Ibiapina**. Picos (PI), 1 maio 2012.

LUZ, José Armínio da. **Entrevista concedida à Patrícia da Rocha Ibiapina**. Picos (PI), 29 jul. 2011.

OLIVEIRA, Vicente Moura de. **Entrevista concedida à Patrícia da Rocha Ibiapina**. Picos (PI) 8 abr. 2012.

SILVA, Francisca Marques da. **Entrevista concedida à Patrícia da Rocha Ibiapina**. Picos (PI) 1 abr. 2012.

SILVA, Reinaldo Marques da. **Entrevista concedida à Patrícia da Rocha Ibiapina**. Picos (PI) 07 ago. 2011.